

JOÃO CUNHAÚ

O poderoso que se apoderou de Baía Formosa

DOM QUIXOTE

O roqueiro que construiu um castelo no sertão do RN



D'ALÉMAR

Viaje pela Mouraria

CLEODON ANDRADE

A interessante história do médico que é nome de hospital no RN

RECORDAÇÃO

De Sanderson e Zila

CHEIA DE GRAÇA

SE VINÍCIUS DE MORAES A VISSE PASSAR, ECOARIA SUA ETERNA CANÇÃO. PAULA ROCHA GASPARGASPAR ENCANTA NÃO APENAS PELA SUA BELEZA, MAS TAMBÉM PELO BOM GOSTO, PELA EDUCAÇÃO E A DELICADEZA DE SER NATURALMENTE CHIQUE. CONVERSAMOS COM A NOVA INFLUENCER QUE NASCEU EM BERÇO ESPLÊNDIDO E É EXEMPLAR SERVIDORA PÚBLICA



Você acredita na
sustentabilidade
e a gente também.

Quando você confia que vai fazer acontecer, a gente confia junto. Por isso, nós oferecemos financiamentos com **taxas justas** e uma parceria de verdade.

No **Sicredi**, você coopera com o meio ambiente, adquirindo tecnologia para utilização de uma fonte de energia renovável em sua residência, além de gerar muito mais economia para sua vida financeira.

Conheça alguns benefícios

- **Financie** sistemas de montagem, inversores, placas de captação e instalação.
- **Economia** de 95% da energia.
- **Parcelas** iguais ou menores que sua conta de energia. Sem ajuste de tarifas.



Siga-nos nas redes sociais e saiba mais.

  @sicrediriograndedonorte

Sede Sicredi RN: (84) 4009 3535

SAC Sicredi: 0800 724 7720

Deficientes auditivos ou de Fala: 8000 724 0525

Ouvidoria Sicredi: 0800 646 2519

sicredi.com.br/riograndedonorte

COLMEIA PRESTIGIADA

É com muito orgulho que a partir desta edição passamos a contar com a colaboração de mais dois gigantes das letras: Geraldo Queiroz e Anderson Tavares de Lyra. O currículo de cada é bem extenso, mas só para se ter ideia, segue um resumo:

- Professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Geraldo Queiroz foi reitor da Instituição entre os anos de 1991 e 1995. Desde maio de 2019 é membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANRL). Escritor, é estudioso da vida e da obra do imortal Manoel Rodrigues de Melo.

- Historiador por formação, Anderson Tavares de Lyra é membro da Academia Macaibense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do RN, do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, do Instituto D. Isabel I, Rio de Janeiro, e do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica.

Pois bem. Esses dois ilustres e queridos chegam para fazer companhia ao também acadêmico da ANRL Ivan Lira de Carvalho e ao jornalista Minervino Wanderley. Todos empenhados na relevante missão de resgatar histórias e memórias destas terras potiguares. E mais.

E nesta edição, Geraldo Queiroz traz um dueto poético e literário entre Zila Mamede e Sanderson Negreiros. Anderson nos presenteia com a história da figura controversa de João de Albuquerque Maranhão Cunhaú. Ou apenas João Cunhaú. Ivan Lira conta sobre a vida e a obra de Cleodon Carlos de Andrade, que muitos conhecem por dar nome ao hospital público no município de Pau dos Ferros. Minervino discorre sobre as aventuras de José Ronílson Dantas, que se inspirou no filme 'El Cid', de 1961, para erguer um castelo no sertão do RN.

E nossa entrevista de capa já está dando o que falar. Ela é a atual mais badalada *influencer* das mídias sociais: Paula Rocha Gaspar Cavalcanti. A repórter Aura Mazda conversou com a bela para saber da sua vida – ela que é das mais tradicionais famílias potiguares – de fama e profissional da Justiça Federal. E agora a novidade da cegonha que reforçará ainda mais suas atividades de mulher singularmente plural. Na minha coluna, conto um pouco sobre o mais alfacinha bairro de Lisboa: Mouraria.

Boa leitura
Eliana Lima - Editora



PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.bznnoticias.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,

CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

COLABORADORES

AURA MAZDA, ANDERSON TAVARES DE LYRA,

GERALDO QUEIROZ, IVAN LIRA DE CARVALHO,

MINERVINO WANDERLEY

CAPA

SAULO ROCHA

JÁ FEZ A CARTEIRA DE ESTUDANTE 2021?



DOCUMENTAÇÃO NECESSÁRIA:

- RG • CPF • R\$ 25,00*
 - Cadastro atualizado.
- *VALOR PROMOCIONAL

ADQUIRA A SUA:

✓ **Postos NatalCard**
(receba na hora)

✓ **App Meu NatalCard**
(receba em casa)



BAIXE JÁ O APP
Meu NatalCard

DISPONÍVEL NO
Google Play

Baixar na
App Store

✓ **Portal do Estudante**
PORTALDOESTUDANTENATAL.COM.BR

*A Lei Federal Nº 12933/2013, garante o benefício do pagamento de meia-entrada para estudantes, pessoas com deficiência e jovens, de baixa renda, com idade entre 15 e 29 anos.



MEIA
ENTRADA



MEIA
PASSAGEM



RECARGA
ON-LINE



CLUBE DE
DESCONTOS

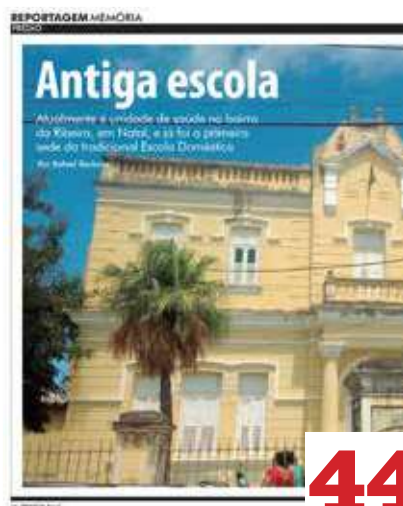




40



56



44



66



50



72



8 | AS LISBOETAS

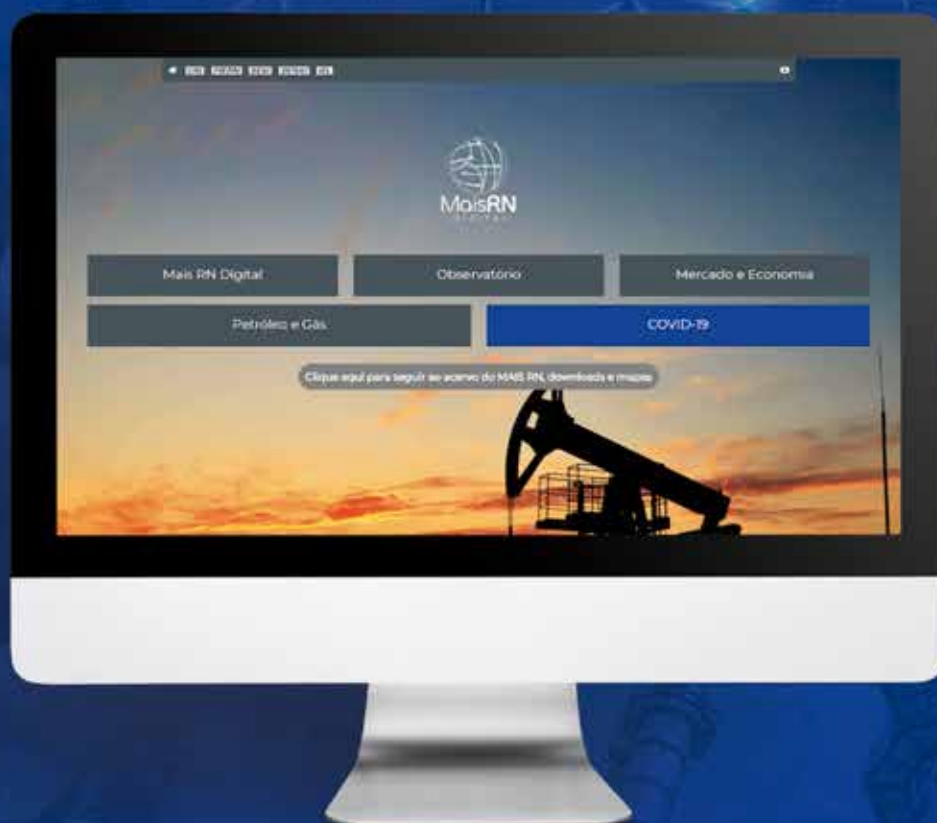


76 | TÚNEL DO TEMPO



O maior hub de informações sobre o Rio Grande do Norte.

Cenários estratégicos, oportunidades de investimentos, dados de atividades econômicas e muito mais.



Acesse maisrn.fiern.org.br
e conheça essa ferramenta.

@omaisrn

FIERN

Federação das Indústrias do Estado do RN
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA



ELIANA LIMA

elianalima@portaldabelhinha.com.br

AH, MOURARIA!

Com a vacinação estancando a pandemia de covid, eis que o governo português abriu as portas novamente aos brasileiros. E logo atravessei o Atlântico para rever minha Duda Linda e as terras d'além que tanto amo. Aproveitando que estou ainda em fase de teletrabalho.

Apesar de muito trabalho e pouco passeio, agarro-me à luz do sol que ainda dorme tarde e nos finais de semana para visitar cantos, recantos e encantos destas paragens de Camões. E um deles foi um dos mais tradicionais bairros

lisboetas, de efervescência multicultural, berço do fado, o famoso canto português: Mouraria.

Conta a história que ali foi a zona onde viveram os mouros, até serem expulsos após a conquista da capital portuguesa por D. Afonso Henriques, em 1147. Os que ficaram tiveram que se converter ao cristianismo. O bairro foi por anos e anos discriminado, até hoje reduto de várias nacionalidades – falam em mais de 50, a maioria da Índia, Bangladesh, China, Moçambique e Paquistão.



Largo da Severa



Casa onde morou Maria Severa

A partir de 2009 passou a receber atenção da Câmara Municipal de Lisboa, com a recuperação de imóveis históricos e incentivo no roteiro turístico e cultura. Afinal, é o berço do fado. Lugar onde viveu Maria Severa Onofriana, a primeira fadista conhecida em Portugal, no século XIX.

Mulher considerada de imensa beleza, prostituía-se e cantava. Reza a lenda que foi amante do 13.º Conde de Vimioso, fidalgo português que se notabilizou como cavaleiro tauromáquico, de nome Francisco de Paula de Portugal e Castro (1817-1865). Teria sido a ponte para o fado chegar aos salões aristocratas. Maria Severa era conhecida também pelo seu temperamento “briguento”, herdado da mãe, Maria Barbuda, célebre e temida prostituta da Mouraria. Severa viveu apenas 26 anos (1820-1846), mas revolucionou a Lisboa do seu tempo.

O poeta Bulhão Pato, que a conheceu pessoalmente, assim descreveu-a: “A pobre rapariga foi uma fadista interessantíssima como nunca a Mouraria tornará a ter!”.



A mais conhecida cantora de fado portuguesa, no auge da juventude: Amália Rodrigues



Pelas ruas, fadistas que cantaram e encantaram épocas são retratados



Boémia e história



Imaginem como Fernando Maurício (1933-2003) arrebatou corações

POIS BEM

Foi na Mouraria onde cresceu Mariza, a mais internacional fadista portuguesa da atualidade.

Lugar onde se pode saborear a culinária lisboeta em típica tasca: Zé da Mouraria. A primeira, pois sua fama de bom fez abrir o segundo restaurante, esse mais turístico. É na tasca onde unicamente se pode saborear o vinho verde exclusivo da casa, que no Vivino tem pontuação 4.1 (o máximo é 5).

Encante-se também!



Tasca Zé da Mouraria



Vinho verde exclusivo da casa



Pelas ruas históricas

COMPRE DE QUEM TÁ PERTINHO DE CASA.

É BOM NEGÓCIO PRA TODO MUNDO!



**pertinho
de . casa**

**BAIXE
O APP**



A força do empreendedor brasileiro

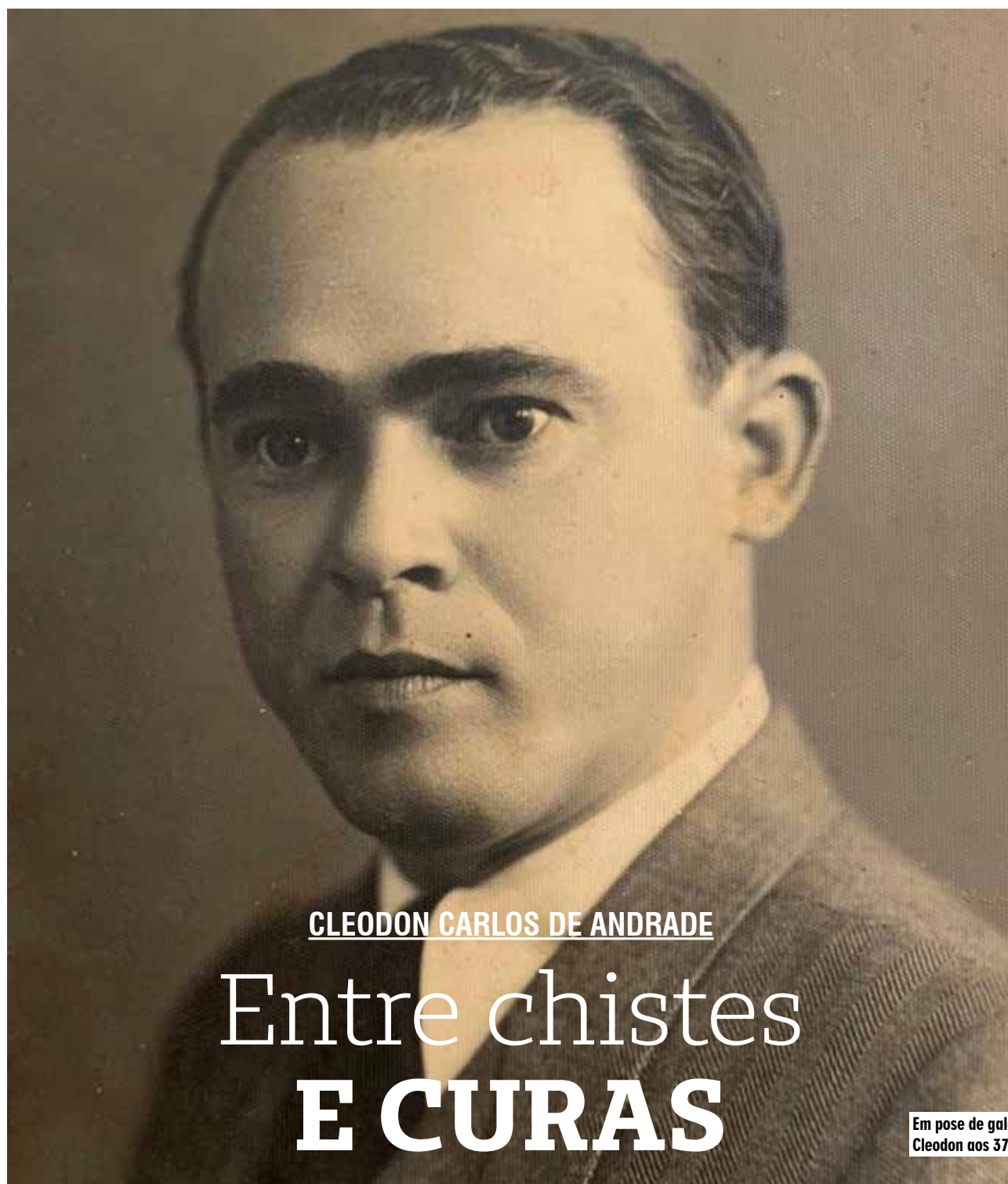
**CADASTRE PELO SITE
PERTINHODECASA.COM.BR**





Ivan Lira de Carvalho

Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do RN, do Conselho Estadual de Cultura e da Academia de Letras Jurídicas do RN.
Professor da UFRN, Juiz Federal



CLEODON CARLOS DE ANDRADE

Entre chistes **E CURAS**

Em pose de galã,
Cleodon aos 37 anos

“Para onde foi encaminhado?” Pode ser essa a pergunta que se intercala a milhares de diálogos envolvendo o destino de pacientes residentes no Alto Oeste potiguar e a resposta poderá sofrer pequenas variações, mas significando a mesma coisa: “Para o Dr. Cleodon Andrade” ou simplesmente “Para o Cleodon”. Situando essas conversas nas últimas quatro décadas, o indagador entenderá que não foi enviado o doente para uma pessoa... para um profissional da saúde, mas sim para uma instituição, o Hospital Regional Dr. Cleodon Carlos de Andrade, localizado em Pau dos Ferros-RN, cobrindo trinta municípios da chamada “Tromba do Elefante”, com população estimada em duzentos e cinquenta mil habitantes. A homenagem ao pranteado médico se faz justa por pelo menos duas razões: foi lá que ele nasceu (na antiga povoação de Caieira, hoje Almino Afonso, mas outrora território de Patu) e foi também nessa região onde exerceu por quase toda a vida – com intervalos curtos – a profissão de Hipócrates.

Nasceu a 31 de julho de 1903, sendo o terceiro dos onze filhos de Joaquim Cirilo de Andrade e Jardimilina Carlos de Andrade (Abdon, Adalgiza, Cleodon, Clidenor, Clodoaldo, Albena, Albaniza, José Cirilo, Sigismundo, Ana e Alba). Os estudos básicos foram feitos em Patu. Mais adiante, inspirado por um dos irmãos mais novos, Sigismundo (nascido em 1909), que havia seguido para o Rio de Janeiro para melhor se instruir e trabalhar, Cleodon também rumou para a Capital Federal, logrando ingressar, em 1925, na Faculdade Nacional de Medicina, a tradicional instituição que funcionava na Praia Vermelha, sendo titulado médico em dezembro de 1931. Teve colegas de turma que fizeram história na saúde brasileira, a exemplo de



Os irmãos Cleodon e Sigismundo, este fardado



Faculdade Nacional de Medicina, Praia Vermelha, Rio



Formado em Medicina. Rio de Janeiro, 1931

Arthur Pereira e Oliveira (Diretor do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina), de João Batista de Resende Alves (escritor e catedrático do Curso de Medicina da UFMG, integrante da Academia Mineira de Medicina) e de Achilles Scorzelli Júnior (lente da Universidade Federal Fluminense e membro da Academia Brasileira de Medicina). Mas, se pelos corredores e salas da respeitável Faculdade da Urca transitavam tão conspícuas figuras, um aluno que ali ingressou em 1930 não tirou a conta certa com os ensinamentos da arte de Hipócrates: sujeito franzino, vindo do bairro de Vila Isabel, ostentando um sério defeito no queixo, fruto de um acidente no parto a fórceps e que preferia os botecos às alas de anatomia e não trocava as pautas musicais pelos tratados de histologia. Quem arriscar o nome de Noel de Medeiros Rosa acerta precisamente no autor de “Palpite Infeliz”, de “Fita Amarela”, de “Último Desejo” e de “Feitio de Oração”. Perdeu a Medicina e ganhou a música, conforme se extrai da opinião de Zuza Homem de Melo, posta nas páginas 386-387 da “Enciclopédia da Música Brasileira: Popular” (São Paulo: Art Editora; Publifolha, 2000).

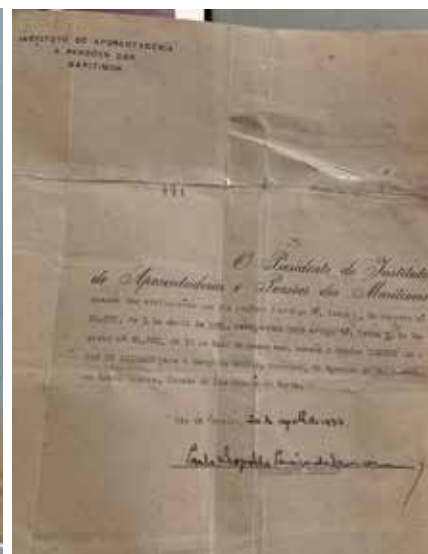
Anel no dedo, diploma na mala, foi a vez de Cleodon Carlos retornar ao Rio Grande do Norte para exercer a arte de curar. Para ser mais preciso, a missão de colocar gente no mundo, pois a essa altura já se especializara em gi-



Noel Rosa foi contemporâneo de Cleodon na Faculdade Nacional de Medicina. Trocou o bisturi pelo violão



Nomeado por Mário Câmara para o cargo de médico-chefe do Posto de Saúde de Mossoró, em 1935



Posse como médico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos. Areia Branca, 1934

necologia e obstetrícia, segmento que seria o trilha da sua profissão afora, mesmo que em algumas ocasiões tivesse que repartir essa predileção com a clínica geral, até mesmo pela carência nas cidades onde labutou. Assim, trabalhou em Apodi, Portalegre, Caraúbas, Ceará-Mirim, Lages, Areia Branca, Mossoró, Natal, Angicos, Assu e Macaíba, mas fez de Pau dos Ferros o seu esteio, onde casou, em

1938, com Idezith Dantas, filha do Coronel Chico Dantas e de Dona Zefinha, ele um rico senhor de terras e de gado, natural de Picuí-PB, que chegou à ribeira do Rio Apodi ainda novo e fez fortuna e história, sendo o primeiro prefeito constitucional de Pau dos Ferros e dando base para que uma das suas propriedades, a “Tesoura”, fosse povoada e viesse a se transformar no município que leva o seu nome:

Francisco Dantas-RN. Desse casamento advieram quatro filhos: Lineu Dantas de Andrade (Promotor de Justiça), Maria Cleide (proprietária rural, hoje aposentada), Matilde (educadora) e Renato (banqueiro), já falecidos os dois últimos.

No exercício da Medicina uma dedicação inextinguível, tanto que o maior laurel que gostava de exibir era o de haver trazido à luz uma ponderável parcela da população oestana, à exceção óbvia dos partos caseiros tão comuns àquela época. Mas reconhecia que sozinho não daria conta do volume de assistência que lhe era requisitada em Pau dos Ferros, a isso se somando os compromissos que tinha com atividades funcionais em outras cidades. Passou a prescrever um médico com quem pudesse dividir a clientela, considerando também a partida do Dr. Ferreira do Monte para residir na Bahia. Falamos de 1941. O destino entrecruzou em Natal, no Hotel América, o biografado e o Dr. José Fernandes de Melo, currais-novense que se iniciava na profissão, e estava sendo estimulado pelo amigo Mário Marcelino a se mudar para a “Princesinha do Oeste”. É de José Fernandes o relato do episódio, na segunda edição do livro “Nem todos calçam 40” (Natal: Editora Jovens Escribas, 2017, página 126): “Neste exato momento apareceu inesperadamente o Dr. Cleodon de Andrade, que foi logo ratificando a ideia/convite de Mário, insistindo para que eu viajasse com ele que estava de saída para Pau dos Ferros,



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Pau dos Ferros. Idezith e Cleodon Andrade



O casal Cleodon e Idezith, em festa junina no Clube Ipiranga, Mossoró. 1948



Assu, anos quarentas. No Bar de Zé do Bar, Cleodon Carlos (sapatos brancos) com amigos, inclusive Costa Leitão e os irmãos Edgar, Nelson e João Batista Montenegro

onde residia. Aleguei que estava trabalhando em São Tomé e não podia sair assim tão intempesivamente pois tinha problemas pendentes a solucionar, ao que ele retrucou de imediato: *Zé Fernandes, esta é uma oportunidade decisiva para a sua carreira e você não pode perdê-la. Passaremos por São Tomé, onde você resolverá seus casos e depois prosseguiremos para Pau dos Ferros.* (...) Se consumava ali a clássica sentença de César às margens do Rubicão: 'Alea jacta est' – A sorte está lançada. (...) E desta forma, do dia para a noite, me transferi para a velha e bicentenária cidade oestana...".

A amizade entre Zé Fernandes e Cleodon seguia risonha e franca. Tanto que em 1943, quando este seguiu com a família para residir em Assu, para trabalhar no SESP (Serviço Especial de Saúde Pública, um órgão federal), alugou a sua casa da Rua Pedro Segundo ao colega José, que se casara com Lindalva Torquato (futuramente Deputada Estadual e Conselheira do Tribunal de Contas do Estado). A camaradagem entre ambos tinha um laço a mais: eram aficionados por um joguinho de baralho. Entre dama, valete e rei prosseguiram parceiros, até mesmo porque o interesse político que se avivara em Fernandes era inteiramente alheio aos horizontes de Andrade, que se gabava do apartidarismo. Mas a mosca azul picou-lhe em 1952, com a oferta para disputar o executivo do Município com o apoio do então prefeito, Lycurgo Nunes, do PSD.



Pau dos Ferros, uma mesa de paz política. Entre outros, Chico Nunes, José Fernandes, Lindalva Torquato, José Meirelles e Cleodon Carlos

Zé Fernandes era deputado de segunda legislatura, das hostes da UDN e tinha contas a acertar com o grupo Nunes, na base do voto, pois havia sido por ele derrotado no pleito de 1947, na sua primeira tentativa de governar Pau dos Ferros. Deu-se, pois, a ruptura entre os médicos amigos, debaixo de palavras ásperas por parte de Cleodon, conforme recorda a escritora Sônia Faustino (filha de José), levantando o véu da sua memória infantil.

Realmente, Cleodon Carlos não era pessoa muito branda; a sinceridade do verbo vencia a prudência. Preciosa, nesse contexto, a observação que sobre ele fez o seu sobrinho Francisco Alves de Andrade, Chiquinho: "Era mais Carlos do que Andrade", identificando DNA nas partes do sangue do biografado, comparando o temperamento das pessoas das duas famílias.

Algumas atitudes de Cleodon figuram no anedotário político regional. Uma bem conhecida ocorreu na já mencionada eleição de 1952, onde ele disputou com José Fernandes a prefeitura de Pau dos Ferros. Meio que a contragosto, percorreu todo o município pedindo votos. Aonde o jipe não ia, seguia a cavalo. Ao chegar à casa de um compadre, em cuja mulher havia feito meia dúzia de partos, expôs a razão da visita e obteve a promessa de voto do varão, que preveniu não mandar nos desejos da esposa, que anunciava votar no adversário. Mesmo assim, foi estimulado pelo compadre a tentar a reversão cívica. Surpreendeu-se com a passionalidade da rurícola: "Se veio atrás de voto, perdeu a viagem, pois eu sou todinha de Dotô Zé Fernandes!" foi a resposta, com gestual das mãos escorrendo pelo corpo. O sangue ferveu,

subiu na montaria e partiu. Antes, deixou uma máxima: “Compadre, precisa votar em mim não; dispenso voto de corno!”

Outra, na mesma linha de afoação. Quando morou em Angicos, trabalhando como médico da Estrada de Ferro Central do Brasil, meados dos anos quarentas, ocupava o tempo livre dos finais de semana “fazendo uma fé” no carteadado. Certa vez emendou dia e noite, perdendo mais que ganhando, e foi ficando chateado com um “peru” (curioso que não joga, mas fica arrodando e arriscando palpites). O tal pitaqueiro, lá para as tantas, anunciou que ia para casa dormir, pois estava cansado. Cleodon sacou o revólver e sentenciou: “Daqui você não sai! Desde cedo que está botando azar na mesa, fazendo-me perder dinheiro! Agora só sai daqui quando em ganhar!”. O sujeito preferiu não pagar para ver e ficou a cochilar, sentado em um tamborete, até que a sorte sorrisse para o apoquentado jogador.

Vez em quando tinha umas excentricidades. Morando em Assu, recebeu de presente uma cobra. Sim, uma jararaca. Cismou que aquilo seria a solução para combater ratos que se atreviam a chegar à cozinha da casa. Apesar do desespero de Dona Idezith, inclusive em razão do perigo para as crianças, não deu trela. Somente se desfez do ofídio quando uma noite descobriu que a bichinha (?) estava devidamente enrodlhada na cama da sua filha Matilde, de poucos anos de idade.

Sobre participar de eleições, após a derrota de 1952 ele nunca mais quis disso saber. Abriu exceção para se integrar à campanha do genro Raimundo Abrantes (Sinhô Abrantes), empresário do ramo de usina de algodão, esposo de Cleide, que se elegeu deputado à Assembleia Estadual do Rio Grande do Norte em 1966. Findo o pleito, recolheu-se a cuidar das propriedades rurais e ao seu ofício de profissional da saúde.

Pois bem. Entre filantropia médica e tiradas pitorescas, com desavenças superadas pelo tempo, encerrou a sua vida terrena a 08 de janeiro de 1987, em Pau dos Ferros, onde está sepultado.



Deputado Raimundo Abrantes - ALRN



No sentido horário, Lineu, Cleide, Matilde e Renato. Filhos



Minervino Wanderley



JOSÉ RONÍLSON DANTAS

DOM QUIXOTE **POTIGUAR**

A HISTÓRIA DO SERIDOENSE ROQUEIRO QUE
CONSTRUIU UM CASTELO NO SERTÃO POTIGUAR

Por Sergio Vilar / Fotos: Sergio Vilar

Dom Quixote é interpretado por muitos como louco, delirante e cheio de imaginação, mas por trás do personagem há um propósito lúcido do seu criador, Miguel de Cervantes. E esta é a analogia mais próxima que consegui imaginar para retratar o feito de um interiorano potiguar que ergueu um castelo no alto de uma colina rodeado de uma paisagem insólita, sertaneja.

Se Dom Quixote pretendia imitar heróis cavaleiros dos romances que lia para vivenciar suas aventuras, José Ronílson Dantas, 59, também se inspirou na figura de um personagem do cinema para construir seu sonho. E a partir do filme 'El Cid', de 1961, um épico dirigido por Anthony Mann e com Charlton Heston e Sophia Loren no elenco, começaria a ser erguido, em 1984, o hoje conhecido Castelo de Bivar.

Ronílson havia passado em teste para a construtora Odebrecht, em 1979. Após anos de

trabalho fora de sua Carnaúba dos Dantas, em trabalho com escavação de rochas e mineração, ele volta ao Seridó para construir sua morada. A obra ainda estava no início quando ele assistiu o filme El Cid. E na tela do cinema, a imponência do castelo do cavaleiro Dom Rodrigo Diaz de Bivar mudaria o curso do seu destino.

"Sempre sonhei em cursar arquitetura. Fiz o curso técnico de edificações na ETFRN antes de passar no teste para a Odebrecht. Quando voltei, quis construir minha casa e quando vi esse castelo do filme foi a inspiração para meu sonho arquitetônico que me guiou e me guia até hoje, porque não parei ainda", conta Ronílson. De fato, o castelo vive em obra. A próxima ideia é construir cômodos subterrâneos, aproveitando a elevação do castelo e o terreno em declive.

O Castelo de Bivar está erguido em uma colina a 310 me-

tros acima do nível do mar. Está distante poucos quilômetros do centro de Carnaúba dos Dantas. De lá dá para ver o Monte do Galo, importante destino religioso do Estado. São aproximadamente 20 cômodos e 56 janelas distribuídos em quatro torres, sendo a mais alta de 21 metros de altura. Ao todo são aproximadamente 1500 metros quadrados de área construída nos sete hectares de terreno.

Ronílson é um personagem por si só. Tem jeitão de motoqueiro roqueiro e é mesmo um apreciador de rock progressivo. O cabelo branco e calvo não impede um rabo de cavalo curto, tipo Paulo Coelho. E ele tem também uma espiritualidade aflorada, assim como o mago de O Alquimista. Diz ter 59 anos na terra, porque a alma é infinita. Inclusive ainda pretende construir seu túmulo no terreno do castelo, onde quer "morrer e ressuscitar" por ali também.

BIVAR OU VIVAR?

Curioso é que, apesar do nome do cavaleiro ser Dom Rodrigo Diaz Bivar, Ronílson tinha entendido Vivar. Na época não existia internet para conferir a pronúncia ou a escrita correta. E assim foi registrado em cartório: Castelo de Vivar. Só depois o padre Antenor, então dono do Castelo Engady, de Caicó, alertou que era Bivar. “Gastei dinheiro com advogado pra trocar o nome”, relembra aos risos.

E apesar da grandiosidade da obra, não há absolutamente nenhum rabisco, planta ou desenho em papel referente à construção do Castelo. “Tudo veio da mente. Quando está em período de construção, eu paro, olho, penso e informo minha ideia ao pedreiro. Por isso a área construída ainda está indefinida, porque sempre está em obras. Quando pinta um dinheiro, eu invisto aqui”, diz, sem precisar quanto de investimento já foi feito. “Se tivesse calculado acho que já tinha desistido”, brinca.

E assim foi construído e bem construído todo o Castelo de Bivar. Os cômodos amplos foram projetados para uma moradia confortável, com quartos para os nove filhos, salas e ambientes para o lazer. Embora esteja fincado no alto de uma colina, a paisagem e o sol do meio dia queimavam a pestana da equipe de jornalistas da agência de notícias espanhola EFE, naquela tarde de sexta-feira (12 de janeiro). Mas a

ventilação no interior do Castelo impressionava.

Outra curiosidade é o banheiro da suíte, em local mais alto: a porta de um armário disfarçado dava acesso a um amplo banheiro com banheira em mármore já construída. Aliás, o Castelo tem todas as condições de moradia.

Já possui encanação e ligações hidráulicas e elétricas. Faltam as mobílias. “Construí para morar e ainda vou realizar meu propósito no tempo devido. Eu trabalho com obras e muitas estão paradas, setor de mineração em crise. Então a questão financeira também é determinante”.



José Ronílson Dantas, o conde do Castelo de Bivar

VISITAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Infelizmente para os curiosos o Castelo permanece como um destino turístico particular, apenas para contemplação, miragem. “Quando você abre ao público precisa oferecer estrutura. E não há banheiro para o visitante. Fiz o castelo para morar, mas tomou uma dimensão além desse objetivo. E sei que preci-

so abrir ao turista. Mas tudo ao seu tempo”, estima Ronilson, que pretende inaugurar o Castelo com uma grande festa aos moldes medievais, “com todos comendo galletos com a mão”.

A revista Terra, da editora Abril, talvez tenha sido a primeira a divulgar o Castelo de Bivar, ainda no século passado. O

Globo Repórter fez reportagem em 2000, com o jornalista Luiz Carlos Azenha. Curioso é que o tema da matéria tratava da infidelidade. “Eu tinha uma ruma de mulher e vieram conversar comigo e, claro, mostraram o castelo. Aí ficou conhecido. Depois vieram Record, Bandeirantes...”, relembra.



PELEJAS DE OJUARA

Em 2006, a equipe de filmagem do cineasta Moacyr Góes passou a solicitar visitas constantes no castelo. E só depois de um ano dessa frequência, solicitaram a locação do espaço para as filmagens do filme ‘O Homem que Desafiou o Diabo’, inspirado no livro As Pele-

jas de Ojuara, do escritor potiguar Nei Leandro. O Castelo de Bivar figurou, no filme, como a morada da Mãe de Pantanha.

“Inicialmente queriam realizar as filmagens de graça, porque seria divulgação do castelo. Mas um ator global chamado Ju-

lio Levir namorava uma menina de Carnaúba, que morava no Rio de Janeiro. Ele me alertou que iriam pedir de graça, mas que tinham dinheiro para pagar. Eu cobrei mil reais ao dia e deu tudo certo, embora muito barato. Foram 15 dias de locação”.



Geraldo Queiroz
Jornalista / Membro da ANL



DE SANDERSON A ZILA

DEFINITIVA **HOMENAGEM**

Dois personagens marcantes do Rio Grande do Norte: Zila Mamede e Sanderson Negreiros. Além de poetas e do fazer literário que os direcionava, Zila dedicou-se de corpo e alma ao trabalho como Bibliotecária. Sanderson, ao Jornalismo. Além disso, e maior que isso, há de se admirar o humano ser que os caracterizou ao longo da vida. Tive a honra de desfrutar da amizade e dos ensinamentos que generosamente sabiam compartilhar. De Sanderson fomos vizinhos no Conjunto Roselândia, por quase 20 anos, constituindo com os moradores da Rua Desembargador João Dantas Sales uma comunidade verdadeiramente solidária. Com Zila, sempre nos encontrávamos no ambiente fraterno da casa de uma irmã e grande amiga sua, Terezinha de Queiroz Aranha. À família, ela estendia o bem-querer e temas para muitas conversas e lições.

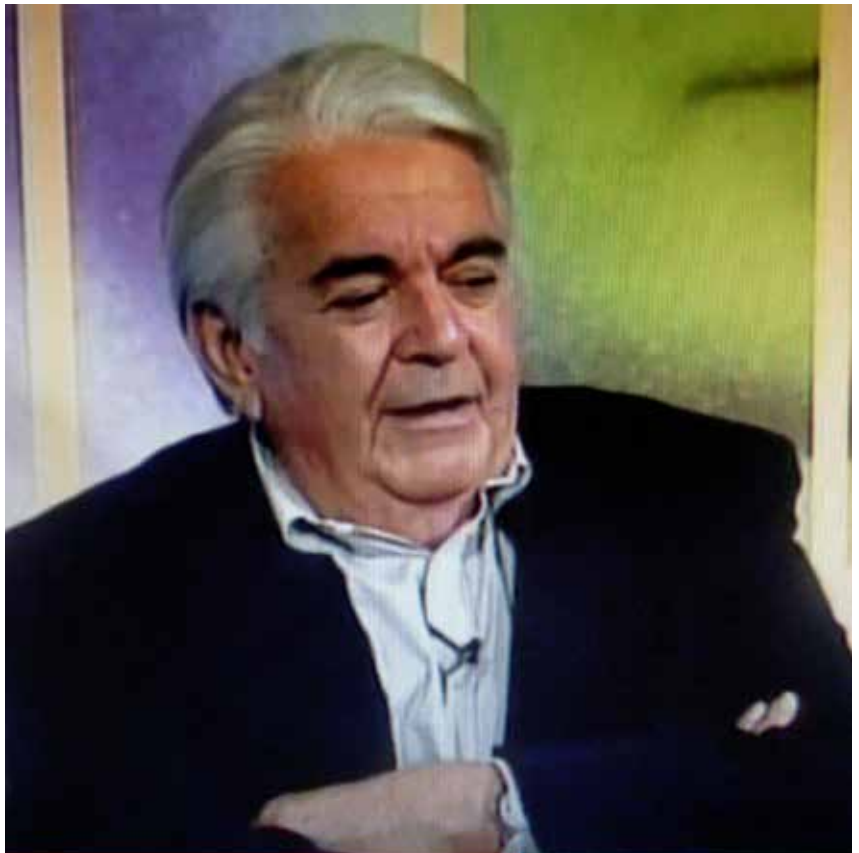
Em dezembro de 1985, a notícia sobre a morte sufocada de Zila no mar de Natal impactou a população da cidade e seus admiradores, de norte a sul do país. E nos fez mais tristes naquela tarde, a pensar além-fronteiras, numa canção interpretada por Mercedes Sosa – Alfonsina y El Mar – que conta poeticamente o desaparecimento de Alfonsina Storn, poetisa argentina também tragada pelo mar. No domingo antes do Natal, O POTI publicava uma crônica assinada com toda a sensibilidade e força criativa de Sanderson, em que presta definitiva homenagem

à amiga. Disposta em página inteira, a matéria reúne sob o título (Quando Zila/ num fim de tarde / encantou-se / nas águas fundas do mar), além da crônica, dois poemas da autora que marcam definitivamente a presença do mar na vida e na poesia de Zila: Mar Morto e Canção do Afogado.

Ao assumir, em maio de 2019, a cadeira nº 40 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANRL), sucedendo o jornalista e antigo vizinho da Roselândia (falecido também no mês de dezembro, em 2017), tive o prazer de utilizar seu primoroso texto como guia para a elaboração do discurso que pronunciei na ocasião, agradecendo a

honra que me foi conferida pelos acadêmicos de sucedê-lo naquela instituição. Explicitava, também, o compromisso de preservar sua memória, divulgando o que tão bem construiu com a palavra, a ser conhecido pelos mais jovens.

São esses os fundamentos que me levam a dividir com o leitor desta revista os textos veiculados em O POTI de 22.12.1985. A publicação, ainda hoje acessível em minhas estantes, me foi oferecida com entusiasmo por outro vizinho, Carlos Lima, também nosso companheiro na antiga Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, onde iniciamos rica experiência como professores.



Sanderson Negreiros, jornalista

QUANDO ZILA, NUM FIM DE TARDE, ENCANTOU-SE NAS ÁGUAS FUNDAS DO MAR

A última vez que a vi, você caminhava pela Praia do Forte, de maiô róseo, chapéu à cabeça, naquele andar que eu adivinharia à distância. Vi-a assim na manhã nascitura, de recentíssimo domingo, pleno daquele verão que amadurece no ar as cores de dezembro – as belas cores de azul e amarelo – e você estava sem óculos. Ao chamar-lhe pelo nome, você não percebia seu amigo pressuroso que, de quase longe, exultava na alegria de sempre revê-la e reconhecê-la, em qualquer lugar e instante.

Mais tarde, telefonei-lhe contando a aparição de minha fraterna amiga. “E por que você não veio me falar de mais perto?” – foi a pergunta, marcada por aquele riso, riso ziliano, que só concedia pleno de oferta e encantamento.

– Não fui porque preferi acompanhar-lhe com o olhar – respondia eu.

Há pouco, vi seu corpo entregue ao silêncio absoluto, horizontalmente, retirado das águas profundas, do mar morto que você adivinhou e descreveu em seu primeiro poema. Os olhos estavam cobertos, esses olhos

que perseguiam a Estrela da Manhã, encantamento de seu amigo paternal Manuel Bandeira, como poderiam descobrir – poderosos olhos videntes – os caminhos do sertão, o hectare onde dorme o vento sertanejo, o acento vertiginoso de sua infância passada em Nova Palmeira, Paraíba, e Currais Novos. Mas, sobretudo, olhos que amaram e revisitaram, durante todos os momentos, o mar que a enfeitiçava, o mar estrangeiro que lhe era um chamamento diuturno, o mar e sua vertigem de horizontes, suas possibilidades de vagas e rumores, seus domínios de assombro e melancolia, de fascinação e alumbramento, de vida e auroras.

Amiga e minha irmãzinha, por que tanto essa presença do mar em suas cercanias, nos limites externos de seus poemas, nos bulevares do seu sonho? Seu espírito já vinha com a certeza dessa prova que iria enfrentar? Você amava essa vastidão marítima ao ponto de dizer, em um poema que nessa liberdade (que o mar oferece) queria um dia se afogar?

Seu mapa-múndi, querida Zila, já trazia referências indomáveis sobre o naufrágio, frágil,



Zila Mamede, poetisa

feito da paina e da lã mais comovente, lastro de anêmonas e girassóis (principalmente os girassóis azuis que você amava), cuja única circuncisão foi ter sofrido da vida o batismo de sagrar-se poeta, e cujo canto comove, não pela gratuidade do sentimento, mas pela inesperada presença ou dom de saber ver as coisas – o Universo, enfim – pelo seu lado solar e lunar, que fica além da visão puramente física.

Tanto a conheci, durante trinta anos! Nossa amizade frequentou todas as esquinas da surpresa, a instigação de todos os silêncios e compreensões; e essa

amizade nunca sofreu um diminuto tom de ocaso. Mesmo que passasse meses sem vê-la, eu sempre veria você pela primeira vez – e me sentia feliz.

Em 1956, você dirigia a Biblioteca do Atheneu Norte-riograndense. Eu tinha uns 16 anos, e lia e escrevia furiosamente. Todos os dias ia vê-la, conversar com você minhas inquietudes bastardas, meus desejos incipientes, meus sonhos especulativos. Era uma conversa longa. Você logo se afirmou para mim a irmã mais velha, a grande irmã, que me descobria os livros para ler, que madrugava para meu espírito os temas da cultura, a vocação para a poesia e o tom para essa música interior da amizade, que nunca haverá de desaparecer na retina dos meus olhos fatigados, como disse o Poeta. Da biblioteca, íamos para sua casa, que você tão bem recorda em um poema, na vibração das tardes do Tirol, do Tirol que forma para mim uma espécie de triângulo-das-bermudas ao contrário: quem olhar os céus, nas manhãs e tardes do Tirol, não morre nunca.

Na sua casa, a presença de sua Mãe. Simpática, efusiva, que servia uns lanches sertanejos inesquecíveis. Naquela casa, você contemplou a poesia de seus dois grandes livros, germinativa e seminal, que são O ARADO e SALINAS. Do terraço daquela casa, da rua tirolesa, ao vento bom ainda dos anos 50, vi o sonho prorromper de seu rosto - e você imaginava viajar, via-

jar, sempre pensando em crescer por dentro.

E estudou nos EUA, defendeu tese na Universidade de Brasília, formou-se em biblioteconomia no Rio de Janeiro. Viveu experiências as mais diversas: iludiu-se e desiludiu-se com a Universidade da capital federal, quase destruída pela repressão de 64; acreditou em novos intentos – a pesquisa da obra de Cascudo consumiu-lhe vários anos, como, agora, a que empreendeu sobre João Cabral de Melo Neto quase sucumbiu suas forças – mas onde estivesse, estariam a impaciência e a obstinação de fazer, os novos projetos literários, na face, a sua, que exigia convivência; que, apesar de tudo e da solidão que a cometia densamente, estava sempre prestes para participar, para o diálogo aberto, destemido e, até agressiva, na defesa de seus pontos de vista, mas morrendo de amores por quem queria bem e que lhe tenha mostrado o caminho da fraterna convivência humana.

O que poderia em você soar como disposição agressiva era resultante da timidez da menina que em você persistia; da menina que quis ser freira, teve sua adolescência banhada pelo sonho conventual – e, de repente, teve que ser o centro espiritual de toda a família, pela dedicação extremosa, pela doação de si mesma, no silêncio do que lhe passava como revelação; ou como alegria desatada dos que se sentiam felizes ao seu lado.

Extremamente rigorosa consigo, não dava tréguas ao que lhe parecia ser necessidade de disciplina interior. E exterior. Cumpria horários, compromissos, palavra empenhada, direitos adquiridos, com um rigor sertanejo. Sua palavra valia a pena. Não sofria multa, nem correção monetária.

Nesses trinta anos, quantas vezes a surpreendi, anonimamente, sendo fiel à amizade! Nesses trinta anos, quantas vezes surpreendi você, Zila, sendo generosa, e exercitando a bondade escondidamente! Um dos seus grandes bens de amizade não era povoado por nenhum sinal semafórico. Você escolhia os rumos da vida no silêncio.

Gostava de mostrar-lhe meus poemas – eu, que há vinte anos não os faço para merecer o nome de poeta – e você me ensinava Poesia. Você não era apenas um poeta. Era uma mestra, no sentido que quis emprestar a essa palavra Ezra Pound. À maneira de Jorge Guillén sobre Garcia Lorca, eu lhe dizia: você não faz frio nem faz quente. Você faz Zila.

No seu livro SALINAS, você diz, na dedicatória, que eu recebesse de você o sal da ternura mais humana. Sal que no Evangelho é sinal de vida – e não de morte. E você lutava com uma ambição imensa, sem cessar um minuto, por viver. Tinha uma ortodoxia de cumprir seu dia que não se vê em poetas. Eram tantas horas para caminhar a pé, tantos minutos para exercícios aeróbicos, tanto

tempo para a leitura – e, assim, compartimentava o dia, que se multiplicava milagrosamente.

Na sexta-feira de manhã, você entrou em licença médica e foi para o mar, nadadora afoita. Antes, cantou, feliz, em seu apartamento. Era um mar de ventos e correntes inesperadas. E uma dessas vagas levou-a submersa, para o outro lado da cidade – a Redinha.

A poetisa que Manuel Bandeira considerava uma das maiores de nossa literatura, em todos os tempos, a lírica visionária que conheceu a prática do verso de Rimbaud – “todo sol é atroz e todo luar é amargo” – vestiu-se – como antes tinha-se vestido premonitoriamente em seus poemas – de marinheira, e mergulhou para sempre. Mesmo sem o seu perfil material, meu

olhar, o olhar do amigo e do irmão acompanhará sempre você, como na manhã recente da Praia do Forte, quando caminhava, sozinha, límpida, clara, estuante de ser, como se trepidasse sobre um sismo de ventos; ou se equilibrasse nas calçadas-arrecifes que circulam a beira do mar. Porque ninguém via, mas a Eternidade já pousava a mão de luz sobre seu ombro. Adeus (SN).



Poemas de Zila em OPoti



Anderson Tavares de Lyra
Historiador

João de Albuquerque
Maranhão Cunhaú em
óleo do alemão Karl
Ernest Papf

João Cunhaú

e o litígio de
Baía Formosa

João de Albuquerque Maranhão Cunhaú é uma das figuras mais controversas da Casa Hereditária de Cunhaú. Nascido no histórico engenho, no dia 24 de junho de 1833, era filho natural de Amaro de Albuquerque Maranhão e de Ana Francisca Dutra. Cresceu trabalhando na lida campesina nos engenhos, fazendas e sítios da família. Estudou na infância. Era alfabetizado e sabia escrever.

No dia 16 de outubro de 1867, João Cunhaú casou com a sua prima Luzia Antônia de Albuquerque Maranhão Arco Verde, filha do famoso Brigadeiro André de Albuquerque Maranhão Arco Verde, na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Desterro, em Vila Flor, interior do Rio Grande do Norte, na presença do vigário José de Matos Silva. Da união tiveram cinco filhos: Horácio, André, Maria da Conceição, Benedita M. da Conceição e Antonieta. O casal residiu por alguns anos no Engenho Cunhaú, depois passou a morar no Engenho Estrela.

Membro do Partido Liberal, João Cunhaú foi eleito vereador e presidente da Câmara Municipal de Canguaretama no período de 1870-1873. É nesse período que, na posse das antigas escrituras e documentos seculares da propriedade Cunhaú, inicia-se um processo na Justiça visando a oficialização de “seus direitos” sobre os terrenos de marinha onde foi edificado o povoado da Baía Formosa.



Luzia Antônia de Albuquerque Maranhão Arco Verde, jovem, em óleo de Karl Ernest Papf

Em setembro de 1870, João Cunhaú, no auge de sua autoridade, era o “dono de Canguaretama”. Partiu para Baía Formosa e ordenou a derrubada de algumas casas de moradores que não lhe pagavam foros pelas terras. O conflito só não foi maior devido o pedido de ajuda ao governo provincial feito pelo delegado. A contenta permaneceu na Justiça.

Alguns anos mais tarde, em princípio de 1877, João Cunhaú continuava a sua luta para provar os seus direitos sobre Baía Formosa. Impetrada a ação com-

petente por seu advogado Dr. Manuel Januário Bezerra Montenegro, e obtendo êxito em primeira instância, foi com o juiz municipal de Canguaretama, auxiliado por uma guarnição de força policial, no dia 04 de agosto de 1877, esbulhar os moradores que continuavam firmes em seus propósitos de não pagar os foros.

Não houve resistência e João Cunhaú mandou derrubar 11 casas e ordenou a construção de novas no local que seriam destinadas a outros foreiros. Os moradores despejados viajaram a Natal

e reclamaram da situação ao Presidente de Província, que era adversário político de João Cunhaú e partidário do deputado Amaro Bezerra. Assim, tanto o presidente quanto o chefe de polícia instigaram os moradores à resistência.

Sabendo dos entendimentos entre moradores e a administração da província, João Cunhaú seguiu para o povoado da Baía Formosa, no dia 10 de agosto de 1877, acompanhado por seu jovem filho Horácio de Albuquerque Maranhão e cerca de 40 homens, entre trabalhadores e capangas do seu engenho Estrela, segundo argumentou sua defesa “preparado para assistir a qualquer incidente contra ele aparecesse”.

Segundo relatos da época, os moradores ficaram apavorados com o enorme séquito, munidos das armas mais potentes e aterrorizantes. Os nativos animados pelo pescador Francisco de Magalhães, armaram-se com pedaços de madeira, pedras e garruchas. Naquele momento, é possível que tenham recordado a primeira tentativa de expulsão perpetrada por João Cunhaú aos antes.

Segundo ainda a defesa de João Cunhaú, logo que o grupo entrou no povoado: “(...) foi recebido com os nomes mais injuriosos pelos ‘maus’ rendeiros, que sem o menor escrúpulo dispararam uma descarga fazendo cair ferido por uma bala ao jovem Horácio (...) agora avalie o público o que faria um pai em tão aflitivo estado (...)”.



Engenho Estrela



Capela de Nossa Senhora da Conceição da Baía Formosa

Dos moradores da Baía Formosa morreram durante a luta os seguintes: pescadores Francisco de Magalhães, Joaquim do Porto, Manuel Joaquim Belleu e Germano de Tal. Outros tantos saíram feridos leves ou gravemente, tendo falecido os seguintes, dias após a luta: Miguel dos Anjos Pequeno e João do Porto. Cinco senhoras ficaram viúvas e vinte e oito crianças órfãs.

João Cunhaú foi recolhido,

preso, ao estado maior em Natal, por um ano, até que foi julgado e absolvido das acusações por unanimidade pelos jurados. De seus capangas foram presos e pronunciados: Miguel Fulgério, André Quintiliano, José Enéas e Pedro Tanico.

O conhecido litígio da Baía Formosa foi uma página sangrenta do autoritarismo e do mandonismo do Brasil imperial. Episódio triste da nossa crônica histórica



Município de Baía Formosa



Mata estrela com a lagoa da Coca-cola

e que nos leva a refletir sobre os conflitos por terras ainda hoje existentes. O município de Baía Formosa, até hoje, tem na data de 10 de agosto, um dia histórico de resistência de sua comunidade e comemora com festas.

Após todos os acontecimentos, João Cunhaú vendeu o Engenho Estrela em agosto de 1882 aos ingleses Eduard Charles Bowm e John Loughan Reed, da companhia Reed, Bowm & Cia., por trezentos contos de réis.

O valor foi dividido até 1885 e nunca foi totalmente pago pelos adquirentes. Logo em seguida, João Cunhaú aderiu ao movimento abolicionista e liberta os seus escravos sem condições. Doa um importe valor à Sociedade Libertadora Natalense.

Senhora do Engenho Estrela, graças à sensibilidade de D. Luzia Antônia, esposa de João Cunhaú, que mandou demarcar uma grande área de mata nativa; temos atualmente a conhecida

Mata da Estrela, um dos maiores resquícios da Mata Atlântica no Nordeste e atrativo turístico bastante procurado.

A partir de 23 de novembro de 1883, dia do falecimento de D. Luzia Antônia de Albuquerque Maranhão Arco Verde, João Cunhaú vai desaparecendo gradativamente do noticiário e vai entrando no ostracismo. Sua última aparição ocorreu quando ele aderiu ao movimento republicano. Faleceu em Canguaretama, no dia 05 de agosto de 1896.

Sua fama de homem autoritário persistiu durante anos no imaginário popular do estado. Luís da Câmara Cascudo recolheu algumas passagens de sua vida. Em uma de suas Actas Diurnas, indagou sobre o paradeiro dos filhos e netos de João Cunhaú e Luzia Antônia. Todos buscaram o anonimato. Alguns foram embora do Rio Grande do Norte. André faleceu solteiro, em Canguaretama. Maria Antonieta mudou para o Rio de Janeiro, onde casou e deixou descendência.

Sua filha Benedita Maria da Conceição ficou no Rio Grande do Norte. Morou entre Canguaretama e São José de Mipibú. Teve duas filhas de Pedro Ferreira da Silva, filho do coronel Felipe Ferreira da Silva (de Mangabeira, Arêz) e Joana Olímpia Ferreira da Silva. Uma dessas filhas foi Sebastiana Ferreira da Silva, guardiã da memória da antiga Casa Hereditária de Cunhaú, uma de minhas bisavós maternas.



PAULA GASPAR
OLHA ELA!

SUCESSO NO
INSTAGRAM COM O
SEU PERFIL VOLTADO
PARA A MODA,
PAULA GASPAR É
A QUERIDINHA DO
MOMENTO NOS
FLASHES E HOLOFOTES
DO GLAMOROSO
MUNDO DAS REDES
SOCIAIS. HERDEIRA DE
DUAS TRADICIONAIS
FAMÍLIAS DO RN,
ELA É EXEMPLO DE
QUE ELEGÂNCIA
ESTÁ NAS ATITUDES,
PRINCIPALMENTE
NO TRATO COM
O PRÓXIMO. E SE
ORGULHA DE SER
EFICIENTE SERVIDORA
DA JUSTIÇA FEDERAL

Por Aura Mazda



Estilista Dener Pamplona, (1937-1978)

A graciosidade e a elegância de Paula Rocha Gaspar Cavalcanti atraem olhares de admiradores e admiradoras por onde ela passa. Muito além de um visual harmônico, a inteligência de Paulinha, como é chamada por amigos e familiares, a fez alcançar voos altos na vida pessoal e profissional. Aos 32 anos, ela é linda e sabe viver, como bem canta Caetano Veloso. Servidora exemplar da Justiça Federal, a *It Girl* (ícone de charme, beleza, elegância e carisma que dita moda) divide com o público das redes sociais tendências do *street style* (termo usado no mundo da moda que indica estilo independente de classe social) à *haute culture* (alta costura).

Neta de Denise Pereira Gaspar, sinônimo de elegância e finesse do Rio Grande do Norte ao Rio de Janeiro, Paula segue os passos da avó ao se inserir no mundo da moda. Hoje ela é uma das principais influenciadoras à frente de marcas potiguaras com amplitude nacional, como Palone, Fio a Fio, ZOE e Bia Souza Brand. Para se ter ideia, Denise foi uma das clientes estreladas do badalado Dener Pamplona (1937-1978), considerado o pioneiro da alta-costura brasileira.

Quando nasceu, Paulinha era a única neta mulher por parte do pai e caçula por parte de mãe. Mimos não faltaram à primeira menina que nascia na família. A proteção natural dos que a amam



Com as avós Denise Gaspar e Vivi Rocha

não a fizeram perder a noção do mundo real e seus problemas, conforme recorda. Por volta dos 13 anos, viu a família passar por momentos de dificuldade quando o comércio de roupas que administrava foi à bancarrota. Paula dedicou-se aos estudos dali em diante, porque não queria depender dos altos e baixos do comércio. “Sempre fui inserida no meio da moda por causa da loja de roupa dos meus pais, além da referência da minha avó Denise. Quando a loja deles quebrou, esse lado ficou um pouco adormecido, vindo a ressurgir

anos depois, quando já estava na faculdade e gostava de me arrumar para as aulas. Sempre fui muito vaidosa”, confessa.

Sete meses após se formar no curso de Direito, passou de primeira em um concurso da Justiça Federal, em 2012. Assumiu em dezembro de 2014. Foi quando começou a postar em suas redes sociais alguns registros de viagens que fazia ao lado do marido, Paulo Cavalcanti, explorando o mundo dos vinhos. “Sempre postava as degustações e, lógico, postava os meus *looks* também. Como era

um momento de lazer e férias da Justiça, tinha esse tempo de me dedicar às redes sociais. Na época, era uma coisa totalmente orgânica”, explica.

Na pandemia, o processo para se tornar influenciadora de moda e comportamento foi acelerado. Começou a dar dicas sobre moda e expor um pouco mais do dia a dia, menos como hobby e mais de forma profissional. Naturalmente, começou a ser chamada para trabalhar com marcas. Foi a primeira virada de chave no processo de se tornar profissional na área da moda.

Foto: Nara Santos



Foto: Jefferson Rodrigues





O primeiro trabalho de exposição foi com a ZOE, marca de roupa da amiga Jéssica Lopes. Não demorou para ser convidada pelas badaladas Palone Design e a marca de moda-praia Fio a Fio para fazer fotos de campanhas. “Estou com as três empresas até hoje e morro de orgulho de estar com elas desde o comecinho, quando eu era menor e elas acreditaram em mim”, celebra.

Detalhe: só aceita fazer trabalhos para empresas que ela realmente acredite e que estejam inseridas no seu dia a dia. Prefere fazer marcas que, de fato, consuma. “Primeiro pela credibilidade do meu público, cresci falando do que gosto, sou exigente. Tem que estar no meu

dia a dia, para que eu também possa encaixar em minha vida”.

Das responsabilidades entre a Justiça e o mundo da moda, não mede esforços. “Às vezes estou fazendo uma foto e chega uma prisão em flagrante, minha Vara é Comum, então pego qualquer tipo de processo”. Os dois mundos completam-na. No entanto, isso teve um preço “caro”, porque, segundo Paulinha, algumas outras áreas de sua vida foram deixadas um pouco de lado. Voltou a cuidar da saúde quando descobriu que estava grávida, há poucas semanas. “Minhas relações pessoais foram afetadas. Antes ficava muito com minha família, que durante os fins de semana,

na pandemia, ia para a Praia de Jacumã e eu deixei de ir para trabalhar nos fins de semana”.

Agora, o novo momento é de um significado que não consegue descrever em palavras exatas. Um dos seus sonhos era conceber um filho ou filha para que os avós pudessem conhecer o bisneto, ou bisneta. A mãe, Ariane Rocha Gaspar, é um dos seres humanos que mais admira no mundo. “É uma alma evoluída, que veio para a terra em missão de ajudar ao próximo”, derrete-se. Lições que pretende passar para o herdeiro que carrega. E nós da Bzzz acrescentamos: Ariane, além de bela alma, é também referência de elegância e beleza.



Foto: Nara Santos

Paulinha com a mãe Ariane Rocha Gaspar

MUNDO DA MODA

Desde a hora que acorda, um comportamento, uma paisagens ou conversa do seu dia se transforma em *shooting* (fotos) de moda que inspira Paula Gaspar, que tem como marca registrada a autenticidade. Os seguidores sabem que ela, em nenhuma hipótese, dará dica de um produto que não usa. Longe de ser fútil, Paulinha acha que moda é uma forma de expressão da alma, de mostrar ao mundo quem a pessoa é. “Além disso, o setor da moda emprega milhões de pessoas. Na pandemia, as lojas precisaram se reinventar e ir para o digital. Para mim, moda é como música, não é essencial, mas não sabemos viver sem”.

Como marca, admira a NV, de Nati Vozza. “Ela é um fenômeno, cresceu com uma base sólida em rede social. Apesar de ser polêmica, ela construiu um império e isso é admirável”, considera. O jovem britânico Daniel Lee, diretor cria-



Influencers Alexandra Pereira (@alexandrapereira) e Leonie Hanne (@leoniehanne)

tivo da poderosa marca italiana Bottega Veneta, de propriedade do grupo Kering, é o grande nome do mundo da moda para Paula Gaspar. “Ele chegou e renovou tudo. Cada objeto que ele lança vira desejo”.

As influenciadoras internacionais são as que mais chamam a atenção de Paulinha. Ela conta que o fato de mostrarem menos a

vida pessoal, diferente da maior parte das brasileiras, é o que as tornam diferentes. “A influência do Brasil está muito aliada ao dia a dia, já as de fora são algo mais conceitual, de inspiração, acho mais bacana assistir”. A espanhola Alexandra Pereira e a alemã Leonie Hanne são as *It girls* internacionais que a inspiram.

Foto: Hollysson Bysmerck



Foto: Nara Santos







Foto: Hallysson Bysmark

RN DE SUCESSO

Longe do centro fashion do Brasil, que fica no Sudeste, o Rio Grande do Norte é um estado com muitos profissionais promissores, cheios de bom gosto. A falta de crescimento industrial, entretanto, trava o crescimento de marcas, considera Paulinha, mas algumas seguem firmes nos degraus do reconhecimento. Para ela, Palone, por exemplo, é um ponto de destaque. A marca é comandada por Palone Queiroz Leão, especializada em criação e produção de acessórios. “Poucas marcas nacionais competem de igual para igual com ela”.

No setor de vestuário, o RN ainda fica atrás de estados como o vizinho Ceará. “Vejo que algumas empresas daqui querem imitar outras de fora, como a própria NV. Não adianta, por mais que você goste e admire uma marca, temos que ter a nossa própria história e nossa identidade. Para mim esse é um diferencial da Bia Souza Brand, por exemplo. Ela está super relacionada a tendências, além de ter personalidade”, finaliza. Empresária e estilista potiguar, Bia Souza foi a nossa entrevistada de capa da edição de nº 78, fevereiro/março de 2020.



Estilista Bia Souza Brand

PORTUGAL

Um dia no Palácio





Palácio Fronteira visto do jardim

BELEZA, HISTÓRIA E ARTE EM UM DOS LUGARES MAIS LINDOS DE LISBOA, QUE GUARDA CULTURA POR TODOS OS LADOS

Por Camila Lamartine, de Lisboa
Fotos: Camila Lamartine

Afastado do grande centro de Lisboa, em São Domingos de Benfica, próximo ao Parque Florestal Monsanto, a residência dos Marqueses da Fronteira é algo imponente em meio a tanta tranquilidade. A suntuosidade da imensidão vermelha das paredes revela a nobreza que há por trás dos grandes portões de ferro: O Palácio Fronteira.

Construído inicialmente em 1670 como pavilhão de caça por D. João Mascarenhas, 1º Marquês da Fronteira – título que obteve devido à sua participação na guerra entre Portugal e Espanha – o Palácio foi reformulado no século XVIII para virar a morada oficial da família Mascarenhas que foi obrigada a deixar sua antiga casa no Chiado, completamente destruída, devido ao grande terremoto de 1755.

Em 1987, Fernando Mascarenhas, o 12º Marquês de Fronteira, criou a Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, o que tornou o Palácio, para além de residência da família há 13 gerações, um espaço de incentivo à cultura e à arte, aberto a visitas e locações para eventos, classificado como Monumento Nacional.

AZULEJARIA E EMBRECHADOS

Os detalhes da decoração mantidos no Palácio desde a sua concepção são de encher os olhos. Sobretudo os azulejos, a maioria *in situ*, que preenchem os grandes salões, como a Sala das Batalhas, onde narram oito confrontos das Guerras da Restauração, e os da Sala dos Painéis, que tem um conjunto de azulejos holandeses datados do século XVII. Os azulejos ainda percorrem todo o Terraço, Casa do Fresco, Galeria dos Reis, onde aparecem acobreados, até chegarem à Capela, lugar em que se

expõe um Cristo do século XVI feito todo em marfim.

Reza a lenda que os embrechados da decoração da Capela e do Jardim, que são compostos por pedaços de pedras, conchas e porcelana, têm ainda fragmentos da louça utilizada pelo rei D. Pedro no jantar de inauguração do Palácio que o 1º Marquês mandou destruir, cumprindo a tradição de quebrar aquilo que o soberano estresseasse.

Um dos principais espaços do Palácio é o Jardim Formal, de aproximadamente 67 metros,

com inspiração italiana, mas mantendo os azulejos e embrechados típicos portugueses. É ladeado por escadarias com esculturas e bustos do século XVII tendo ao centro um lago de quase vinte metros. O Jardim foi reconhecido como um dos top dez pela revista *Condé Nast Traveler* da Espanha, classificado como “um dos mais belos de Portugal”, e figura no livro *The Gardener’s Garden* como um dos 250 melhores jardins mundiais.

O Palácio está aberto para visitas de segunda a sexta, das



Jardim do Palácio



Galeria de embrechados

9h30 às 17h, e aos sábados, das 10h às 13h30, sendo necessária reserva para visita interna guiada com um limite de 25 pessoas. Os ingressos custam 11 euros para visita interna e 6 euros para o jardim e disponibilizado um áudio-guia por 3 euros na recepção do Palácio.

A história ao nosso toque, o século XVII em pleno século XXI, um Monumento Nacional que também é residência e um passeio tranquilo por um dos jardins mais belos do mundo fazem da visita ao Palácio dos Marquesses da Fronteira um dia, sem dúvida, inesquecível.

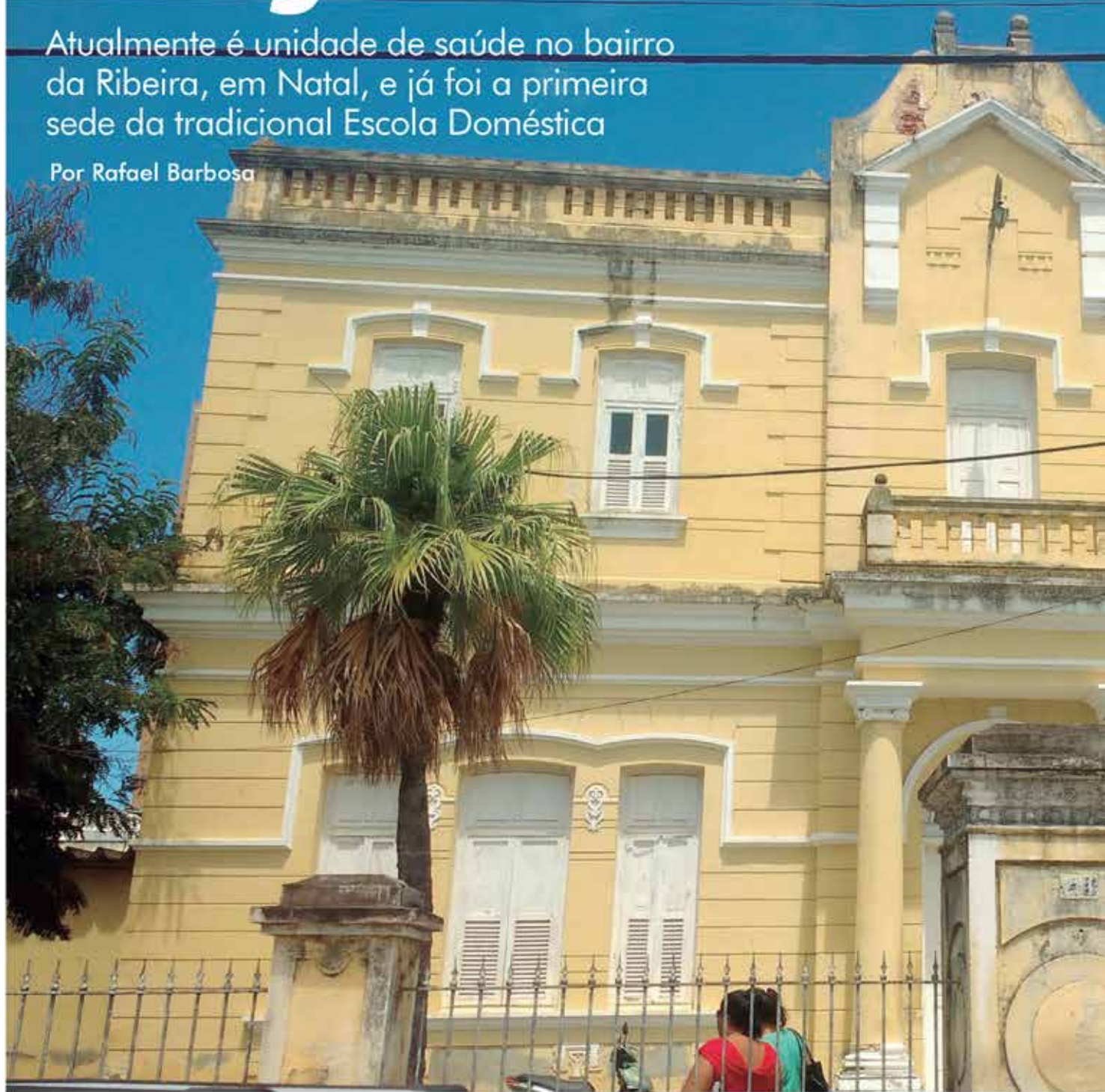


Azulejos portugueses

Antiga escola

Atualmente é unidade de saúde no bairro da Ribeira, em Natal, e já foi a primeira sede da tradicional Escola Doméstica

Por Rafael Barbosa





O PRÉDIO ANTIGO DE esquina que margeia a Praça Augusto Severo, na Ribeira, conta uma história do início do século passado. Antes de se tornar uma unidade de saúde, atividade que abriga há décadas, o local também já foi sede da Escola Doméstica de Natal.

Segundo conta o ex-deputado e presidente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, Manoel de Brito, essa história começa em 1911. O então vice-governador Henrique Castriano viajou para a Europa e, de lá, trouxe a ideia de montar uma instituição de ensino nos moldes do Cantão Suíço.

“E aí veio a ideia de fundar a Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, que ocorreu no dia 23 de julho de 1911. O objetivo da Liga, que contou todo apoio do Governo do Estado, era criar uma escola nos moldes do Cantão Suíço e educar a mulher para o lar e para a sociedade. Esse foi o objetivo da Escola Doméstica de Natal”, conta Manoel de Brito.

O RN vivia à época o governo de Alberto Maranhão, que, segundo o presidente da Liga, doou o terreno e o dinheiro para a construção da escola. “E em 1º de setembro de 1914 foi inaugurada a Escola Doméstica de Natal, naquele prédio”, acrescenta.



Escola Doméstica e suas alunas que aprendiam também atividades de jardinagem

Escola para mulheres

De acordo com Manoel de Brito, as professoras que foram contratadas para lecionar na escola eram todas estrangeiras. A instituição que preparava as meninas para cuidarem da casa e se portarem perante a sociedade, para os moldes da época, tinha alta procura entre natalenses e também pessoas do interior do estado.

A primeira mulher brasileira a se tornar professora na unidade somente chegou em 1928, período em que o parlamentar Felipe Guerra estava à frente da Escola Doméstica. Em 1932, Felipe Guerra deixou a presidência da Liga de Ensino, passando-a para o coman-

do de Henrique Castriciano, que já havia presidido a instituição no tempo em que o prédio foi inaugurado, e voltara então a ocupar o posto maior da Escola Doméstica. As sucessões acompanhavam um cenário nacional de instabilidade política, pois a presidência da República havia sido tomada na Revolução de 30, que culminou no golpe comandado por Getúlio Vargas. Em seu governo provisório, Vargas nomeou diferentes interventores para o RN.

Quando assumiu novamente a Liga, Henrique Castriciano enfrentou dificuldades financeiras, de acordo com o que diz Mano-

el de Brito. “A instituição sempre sobreviveu com ajuda do Estado, e os interventores que vieram sabotaram”, relata. Apesar dos perrengues, a ED seguiu e conseguiu atrair mais alunas.

Já no início dos anos de 1940, a escola passou a receber meninas de outros estados, como Paraíba e Piauí. De acordo com Manoel de Brito, a procura seguia alta dentro do Rio Grande do Norte, com o acréscimo de que os nossos vizinhos também começavam a olhar para a instituição. O prédio continuava intacto, conservando a estrutura que foi levantada no início do século XX.

Mudança de sede

Manoel Varela Santiago Sobrinho, o mesmo que hoje dá o nome ao Hospital Infantil, passou a presidir a Liga de Ensino, comandando a Escola Doméstica de Natal, em 1942. Seria ele o responsável pela mudança da sede.

Varela Santiago procurou o então interventor Ubaldo Bezerra para pleitear o terreno em que seria construída a nova Liga de Ensino. A Escola Doméstica de Natal sairia da Ribeira e o prédio em que funcionava passaria a ser a casa de outra instituição. O pedido foi atendido, contudo faltava o dinheiro para erguer a nova escola, no Tirol.

Manoel de Brito diz que foi em 1951 que Varela foi procurado pelo delegado do Instituto dos Comerciantes para que vendesse o prédio da Ribeira. O acordo foi



Manoel de Brito, presidente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte

firmado, conta Brito, sob a condição de que o dinheiro conseguido na negociação fosse suficiente para construir a nova sede.

Passados dois anos, o prédio de esquina da Ribeira passara, pela primeira vez, a ser local de funcio-

namento de uma outra instituição. “Em 1953 foi ocupado com ambulatório e outras atividades. Mas não podiam mexer em uma porta. O prédio é tombado pelo patrimônio histórico”, afirma Manoel de Brito.

Desde então o prédio funciona como unidade de saúde. “Os institutos das profissões foram unificados no INSS, e ali continuando assistência social”, afirma Brito. Atualmente é onde está em atividade a Policlínica Doutor José Carlos Passos, que oferta serviços de saúde sob administração do Governo do Estado.

A edificação de arquitetura saudosa compõe o cenário de uma Ribeira que sofre com o desgaste do tempo, e tenta lidar com a modernidade dos edifícios que começaram a lhe cercar sem perder o charme antigo das primeiras construções de Natal.



Prédio histórico hoje abriga casa de saúde

Estrutura arquitetônica

De acordo com o arquiteto Petterson Dantas, o prédio onde funcionava a antiga Escola Doméstica tem estilo eclético. Dantas diz que a estrutura arquitetônica da edificação se assemelha à do Grupo Escolar Augusto Severo, que fica no terreno ao lado, bem como a dos demais prédios do entorno no bairro da Ribeira. “O lote é fechado com gradil, as pilastras, da mesma forma do Augusto Severo”, reforça.

Petterson Dantas afirma ainda que, no início do século XX, toda a região em que fica a Praça Augusto Severo, na Ribeira, foi redefinida pelo arquiteto Herculano Ramos. O local era um alagado, à beira do Rio Potengi, e a proposta era mudar a paisagem.

Herculano Ramos era natural de Minas Gerais e havia se formado em arquiteto no Rio de Janeiro. Ele foi levado a Natal pelos governantes da época para dar um ar mais moderno à pequena cidade. “Ele que projetou o Grupo Escolar Augusto Severo e também foi o autor da reforma do Teatro Alberto Maranhão, que à época se chamava Teatro Carlos Gomes. Foi também o responsável pela obra da sede da OAB, que é logo mais ali em cima, subindo a (rua) Junqueira Aires, bem como das praças Augusto Severo e André de Albuquerque”, detalha.

O prédio que hoje abriga a Polícia José Carlos Passos segue a linha, de acordo com Dantas, das construções projetadas por Herculano Ramos.



Petterson Dantas,
arquiteto





Suíço que marcou a história de Mossoró



Empresário com ideias revolucionárias, Ulrich Graff defendia a construção de estrada de ferro e de universidade mais de 40 anos antes de sua concretização na cidade

Por Ana Paula Cardoso



Ulrich Graff não
deixou registros
fotográficos

UM RICO EMPRESÁRIO SUÍÇO marcou a história de Mossoró, no interior do Rio Grande do Norte, no final do século XIX, com projetos que impulsionaram o desenvolvimento da cidade e da região. Cheio de ideias progressistas, Johan Ulrich Graff abriu uma importante empresa de importação e exportação, a Casa Graff, o que atraiu para o município outros empresários. No entanto, o empreendedor foi além e deixou como herança planos de desenvolvimento, como a estrada de ferro e uma escola de agricultura.

Johan Ulrich Graff chegou a então Província do Rio Grande do Norte no ano de 1866. Inicialmente, se estabeleceu na cidade de Macaíba, onde montou empresa de importação e exportação. O local funcionava como um entreposto comercial entre Natal e o interior da Província. Foi na capital, porém, que o empresário conheceu o Vigário Antônio Joaquim Rodrigues (1820-1894), que o convenceu de que o melhor seria investir em Mossoró.

“O Vigário Antônio Joaquim é uma personalidade que eu considero injustiçada aqui em Mossoró. Durante os 50 anos que ficou como padre colado, diga-se de passagem, o único padre concursado de Mossoró, ele atuou como chefe político por seis mandatos como deputado provincial e, numa das viagens políticas, conheceu Ulrich Graff e o convenceu a vir investir na cidade”, explica o historiador Geraldo Maia.

De acordo com Geraldo Maia, o vigário apresentou ao suíço as vantagens que Mossoró apresentava em relação às demais cidades da Província: localizada entre duas capitais (Natal e Fortaleza), próxima a um porto e com comunicação com o interior, com um rio navegável e abastecia ainda parte da Paraíba e do Ceará. Outro atrativo para que o empresário suíço voltasse suas atenções para Mossoró foi a aprovação de lei que isentou a Casa Graff & Cia do pagamento dos impostos provinciais durante três anos.

Mossoró - Liverpool

Após visita a Mossoró, acompanhado do vigário Antônio Joaquim, o suíço fecha a loja em Macaíba e inicia os planos para a construção do empreendimento nas terras de Santa Luzia. No ano de 1868, Ulrich Graff comprou terrenos de Joaquim Nogueira da Costa, em volta da Praça da Redenção, e fundou, em 16 de novembro daquele ano, a Casa Graf, maior empreendimento comercial de Mossoró na época.

O historiador Geraldo Maia destaca que o volume e a variedade de produtos comercializados na Casa Graff eram tão grandes que chegou a ser aberta uma linha exclusiva de navios entre Mossoró e Liverpool, na Inglaterra. Da Europa, Ulrich Graff importava produtos industrializados que o Brasil Império ainda não produzia e, em contrapartida, exportava matérias-primas locais como a cera de carnaúba, o algodão, peles, sementes e o sal, tudo através do porto de Areia Branca, município que pertenceu a Mossoró até 1892.

Com a movimentação no porto, Mossoró ascende à condição de empório comercial, atraindo não só comerciantes do interior da Província, mas também de outras praças como Aracati (no Ceará). Geraldo Maia destaca que Mossoró chegou a contar com 12

grandes armazéns de importação e exportação, com empresários de diferentes nacionalidades, como alemães, portugueses, franceses e outros suíços. No entanto, havia uma barreira para o desenvolvimento da cidade.

“Ulrich Graff era um homem muito dinâmico e percebeu que as mercadorias chegavam ao porto, vinham para a cidade, e, para serem distribuídas pelas demais localidades, eram transportadas ou em lombo de burro ou em cabeça de escravo. Havia escravos que saíam com até 60 kg nas costas, uma forma de entrega que além de ser muito lenta, era cara. Ele viu que a cidade não tinha condições de ampliar sua comercialização devido a esse funil na distribuição. Então ele começou a tentar conseguir uma

concessão para construir uma estrada de ferro que ligasse o porto de Mossoró até chegar ao Rio São Francisco, de onde ele teria como comercializar com todo o mundo”, conta Geraldo Maia.

O historiador destaca que, em 26 de agosto de 1875, a Presidência da Província do Rio Grande do Norte deu a concessão, através da Lei nº 742, a Johan Ulrich Graff para a construção da estrada de ferro ligando Mossoró a Petrolina, na Bahia. O empreendimento particular iria conectar a cidade potiguar ao Rio São Francisco. À época, o empresário suíço abriu uma empresa de capital aberto, da qual as pessoas poderiam comprar cotas, a fim de conseguir o dinheiro para possibilitar a passagem do trem por Mossoró.



Suíço foi responsável pela existência da linha Mossoró-Liverpool

Escola de Agricultura

Geraldo Maia conta que Ulrich Graff fez o percurso de onde passaria a estrada de ferro do porto até Mossoró e percebeu que havia muitas propriedades mal utilizadas, que não produziam nada porque as pessoas não sabiam lidar com as características do solo e do clima.

“Após o trajeto, o suíço escreveu um manifesto defendendo a construção da estrada de ferro. No documento, Ulrich Graff destacava que seria necessário construir em Mossoró uma escola de agricultura para que essas pessoas que não conse-

guiam produzir pudessem aprender a trabalhar nas suas terras e aproveitar essa passagem do trem para vender a sua produção. Então ele pensava todo esse cenário de evolução para a região, tudo isso em 1875”.

Passados 92 anos da defesa de Ulrich Graff ao projeto de uma escola voltada para os agricultores, a Prefeitura Municipal de Mossoró cria a Escola Superior de Agricultura de Mossoró (Esam). A Esam continua suas atividades até que em 29 de 2005 se torna a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa).

“

Ulrich Graff destacava que seria necessário construir em Mossoró uma escola de agricultura para que essas pessoas que não conseguiam produzir pudessem aprender a trabalhar nas suas terras e aproveitar essa passagem do trem para vender a sua produção.”

Geraldo Maia, historiador



Suíço desapareceu na Amazônia

Geraldo Maia conta que Ulrich Graff resolveu analisar a possibilidade de explorar a Região Amazônica brasileira, que vivia um bom momento graças

ao ciclo da borracha, impulsionado pelo desenvolvimento da indústria automobilística.

“No ano de 1876, Ulrich Graff aluga uma canoa e paga um guia

para levá-lo para conhecer a região onde pretendia investir, na Amazônia. Porém, este barco some no rio e Ulrich Graff e o guia nunca foram encontrados”, declara o historiador.

A Grande Seca de 1877

Os planos revolucionários que Ulrich Graff deixará para Mossoró, no entanto, foram atrapalhados pela Grande Seca de 1877, que durou três anos e atingiu as províncias nordestinas no final do século XIX, levando a milhões de mortes, à falência de muitas empresas, e, consequentemente, a um atraso no desenvolvimento da região.

“Essa foi uma das maiores secas para o Nordeste brasileiro. Milhares de pessoas migraram do interior para Mossoró e as ruas viraram uma calamidade, um verdadeiro campo de guerra, com pessoas morrendo à míngua. Muitas

meninas se prostituíam em troca de comida. Por isso, houve uma quebra muito grande no comércio”, afirma Geraldo Maia.

A situação de Mossoró durante a Grande Seca chegou a um ponto tão crítico que no dia 4 de março do ano de 1878, a Câmara Municipal enviou ofício ao Presidente da Província informando o seguinte: “A maior parte dessa gente não encontrando um teto que lhe sirva de abrigo passa os dias e as noites exposta às intempéries do tempo, ao sol e ao vento, donde resulta principalmente a espantosa mortalidade que atinge a 40 pessoas por dia”.



Foto de uma das vítimas da Grande Seca, Ceará, 1878

Joaquim Antônio Correia / Arquivo da Fundação Biblioteca Nacional



Praça onde ficava a Casa Graff

A estrada de ferro de Mossoró

Sonho do empresário suíço, o trem só chegou a Mossoró 40 anos depois de Johan Ulrich Graff conseguir a autorização para o projeto. No dia 7 de fevereiro de 1915, num domingo, a locomotiva saiu de Porto Franco, onde hoje fica o município de Areia Branca, e chegou a Mossoró. A barulhenta chegada do trem foi um evento marcante na história da cidade e reuniu na estação pessoas de diferentes classes sociais, todos para assistir o tardio progresso.

O primeiro comboio da Estrada de Ferro de Mossoró adentrou à cidade às 17h. O jornal O Comércio de Mossoró, na edição número 546, de 13/02/1915, escreveu que “Toda a população correu à estação: eram homens, mulheres, meninos, de todas as classes e de todas as idades. O trem entrou grave e solene, devagar para não atropelar o povo



Estação ferroviária de Mossoró

que se apinhava ao longo da estação, saudando-o, vibrando”.

A estrada de ferro possibilitou o crescimento de Mossoró, que a partir daquele momento poderia transportar as mercadorias com maior rapidez e menores custos. No entanto, os 38 quilômetros de ferrovia ligando a cidade ao porto ficaram muito aquém do projetado por Ulrich Graff.

“Depois de chegar a Mossoró, a estrada de ferro levou mais 30 anos

para chegar ao limite do Rio Grande do Norte. A estrada de ferro foi um avanço porque com ela as mercadorias que levavam um dia inteiro para chegar a Mossoró em carros de boi passaram a chegar dentro de uma hora. Mas, a estrada de ferro só veio chegar a Governador Dix-Sept Rosado, cidade vizinha, em 1926, um longo tempo que fez com que a Paraíba tomasse a dianteira no desenvolvimento na região”, destaca Geraldo Maia.

Sem registros fotográficos

Apesar da importância para a história de Mossoró, são poucos os registros sobre quem foi Johan Ulrich Graff. Nos livros de Câmara Cascudo, não há nenhuma fotografia do empresário. Em texto escrito sobre o suíço, Cascudo escreve que Ulrich Graff era casado, mas não detalha se tinha filhos, tampouco o que aconteceu com a família.

“Há um texto de Câmara Cascudo sobre Ulrich Graff com o relato de Francisco Romão Filgueira. O material foi publicado em uma Acta Diurna de 27 de junho de 1940 e nele o autor chega a falar que tinha uma foto de Ulrich Graff com a esposa, mas a foto não foi publicada”, explica Geraldo Maia.

O suíço de ideias progressis-

tas sumiu sem deixar nenhum registro fotográfico. Atualmente, há uma praça no Centro de Mossoró e um bairro na cidade nomeados em homenagem Ulrich Graff. No entanto, a herança deixada pelo empresário suíço vai além do letreiro de nomenclatura estranha ao nosso idioma estampado nas placas de rua, endereços e linha de ônibus.

Oásis de arte no Recife

Joia rara em meio a trechos de Mata Atlântica, o Instituto Ricardo Brennand é um verdadeiro templo de contemplação da arte e da história mundiais. Localizada na cidade do Recife, essa instituição cultural, edificada em estilo medieval gótico, foi fundada pelo colecionador e empresário pernambucano de ascendência inglesa Ricardo Brennand. O museu tem de calabouço a portas secretas, inspirado nos castelos da região da Toscana, na Itália. Pode-se também apreciar rica fauna em jardins de castelos europeus

Por Juliana Holanda



IMAGINE QUE VOCÊ ESTÁ no trânsito de uma cidade agitada e de repente passa por um portão. O asfalto dá lugar a uma estrada de pedras que obriga o condutor a desacelerar. É um convite para aproveitar a paisagem. Ladeado por palmeiras imperiais, o caminho leva a um jardim de esculturas. Um pouco além, está um castelo que abriga várias obras de arte. Tudo isso cercado pelo silêncio e pela paz dos resquícios de Mata Atlântica. O cenário pode parecer parte de um sonho ou de um conto de fadas, mas é real. Trata-se do Instituto Ricardo Brennand (IRB). Localizado no Recife, Pernambuco, o museu está na lista dos 25 melhores do mundo segundo o *Travelers' Choice Museums 2014*. A pesquisa foi feita com base na avaliação de 280 milhões de usuários do site de turismo TripAdvisor. Segundo o levantamento, o IRB é o melhor museu do Brasil e da América do Sul e ocupa a 17ª posição no ranking mundial, à frente do famoso Museu do Louvre, na França. Para quem conhece o Instituto, a pesquisa apenas constata o encantamento que o lugar provoca. É o que acredita o professor universitário José Leão, que já fez mais de dez visitas ao local. “Gosto muito desse ambiente. Sempre que recebo visitantes, venho com eles para mostrar o museu. Todos ficam encantados”, diz o professor.



Lagos artificiais de inspiração europeia encantam os visitantes



Réplica da famosa estátua de Rodin

Origem

Você deve estar se perguntando: como surgiu um castelo no Recife para abrigar um dos melhores museus do mundo? Tudo isso é obra do colecionador pernambucano Ricardo Brennand, 88 anos, de ascendência inglesa, que construiu as edificações inspiradas na arquitetura medieval.

O espaço abriga três prédios: o Castelo São João, onde está a coleção de armas; a Pinacoteca, que tem capacidade de exibir três exposições simultâneas; e a Galeria, onde são realizadas mostras itinerantes e eventos. O local também possui um auditório com capacidade para 120 pessoas. No total, o IRB possui 55 mil m².

As construções são cercadas por um parque com lagos artificiais. Os jardins são uma obra de arte. O local preserva a flora nativa da Mata Atlântica. Já a fau-



Acervo foi reunido durante 50 anos antes da inauguração do Instituto

na assemelha-se à existente em jardins de castelos europeus. Para isso, foram importadas aves exóticas, como cisnes negros e brancos, patos, flamingos e gansos. As aves ficam soltas na natureza. Os jardins também abrigam esculturas em grande escala. Entre elas, destacam-se uma recente fundição de O Pensador de Auguste Rodin, uma cópia do David de Michelangelo, a obra A Dama e o

Cavalo de Fernando Botero, além de peças de Sonia Ebling e de Leopoldo Martins.

A inauguração, em 2002, aconteceu após Ricardo Brennand reunir, por mais de cinquenta anos, peças de arte que colecionou de diferentes épocas e lugares do mundo. As obras estão expostas em coleções de armaria, tapeçaria, artes decorativas e visuais, escultura, mobiliário.

Armaria

O setor possui cerca de três mil peças e é considerado uma das maiores coleções do mundo. Punhais, estiletes, espadas, espadas-pistolas, maças, manguais, alabardas, bestas, facas e canivetes. Todos os itens fabricados em diversos países: Inglaterra, França, Itália, Alemanha, Espanha, Suécia, Turquia, Índia e Japão.

As peças apresentam classificações variadas: caça, guerra, proteção pessoal e exibição, defensivas e ofensivas, armaduras para cavaleiros e cavalos. Algumas possuem pedras preciosas, marfim, chifres, madrepérola, carvalho, aço e outros metais.

Entre as atrações estão a armadura para cachorro e as arma-

duras completas para cavaleiros, formadas por escudos, elmos, manoplas e cotas de malha, e usadas por cavaleiros entre os séculos XIV e XVII. Outro destaque são as facas e os canivetes da empresa Joseph Rodgers & Sons Limited, que deteve exclusividade na venda de produtos de cutelaria para a Coroa Britânica durante quatro reinados consecutivos.



Acervo conta com uma armadura para cachorros, do século XIV



Raras armaduras expostas

David de Michelangelo

O Instituto Ricardo Brennand tem uma das cinco réplicas que existem no mundo da estátua de David, esculpida com mármore retirado da mesma pedreira italiana da estátua original. A peça retrata o herói David, que derrotou o gigante Golias na famosa passagem bíblica. É uma das obras mais conhecidas do artista italiano Michelangelo. A escultura está localizada nos jardins do Instituto e é cercada por bancos, onde os visitantes podem desfrutar a paisagem do local.



O estilo gótico é ornado com peças decorativas de diversas nacionalidades



No jardim, esculturas de Fernando Botero e a réplica do Davi

Artes decorativas

A exposição é composta por objetos de adorno em geral como castiçais, candelabros, jarros, mosaicos, vitrais e cofres miniatura. O destaque é um par de candelabros franceses black-a-moor em figura feminina, datado do século XIX, da Fundação Barbedienne, feitas por Guillemín, em bronze dourado. A exibição também abriga uma coleção de relógios de caixa alta com pêndulos, de origem austríaca e francesa.

Riqueza das tapeçarias

No setor de tapeçaria, o destaque fica com as quatro peças feitas com desenhos do pintor holandês Albert Eckhout. As obras que sobressaem são as francesas da manufatura Gobelin, do século XVIII. Também há trabalhos das famosas manufaturas de Flandres e Aubusson. Os artigos apresentam cenas religiosas e motivos ligados à cavalaria.

Já as peças em estilo gótico, em carvalho e nogueira, de procedência inglesa e francesa, são o destaque do Mobiliário. A coleção apresenta móveis de descanso e guarda como arcas, aparadores, cupboard ou guarda-comida, estantes, trono e cadeiras em couro lavrado e preso por pregaria grossa de latão.

Esculturas

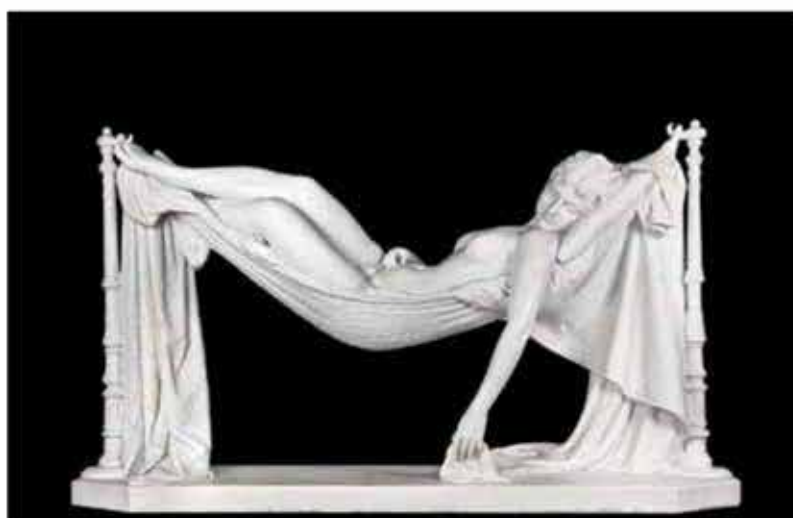
A coleção possui obras da escultura francesa e da italiana dos séculos XV até o XIX. As peças de maior relevo são as italianas do ateliê Romanelli de Firenze, local onde a arte neoclássica se eternizou por meio de réplicas das principais obras do barroco italiano, como as de Gianbolonha e Bernini.

Entre as obras mais famosas do Instituto estão a Fuga de Pompeia, datada de 1868, de autoria de Giovanni Maria Benzoni (1809-1873), e o Rapto da Sabina, de Francesco Zerri, produzido na Società Fiorentina di Sculture Artistiche em Firenze.



Claudia Omegna

Acervo da tapeçaria reúne peças raras



Mulher na rede, de Antonio Frilli, Itália, 1940



Voláney Ferreira

No rico acervo italiano, a obra "Fuga de Pompeia" do neoclássico Giovanni Benzoni



Esculturas do renomado artista Fernando Botero



O museu está na lista dos 25 melhores do mundo

Artes Visuais

Uma das principais exposições do museu é dividida em pinturas e artes gráficas, incluindo gravuras e mapas, de autoria de pintores brasileiros e estrangeiros. Possui imagens de Pernambuco e do Rio de Janeiro, assinadas por Bauch, Schillapriz, Crals, Rugendas e Debret.

Apresenta obras do pintor espanhol da Escola Especial de

Pintura, Escultura e Gravura de Madrid, Enrique Lopez Martinez, e do francês da escola de Barbizon, Alexandre Desgoff (1830-1901), além dos artistas da escola francesa do século XIX, chamada Orientalista, por retratar temas orientais: Edouard Richier (1844-1913), Delphin Enjolras (1857-1945) Gastón Guédy, William Bouguereau (1825-1905).

Pinacoteca

A lista de atrações é grande, mas a ida ao Instituto Ricardo Brennand não pode ser encerrada sem uma visita à pinacoteca. O espaço possui preciosidades: documentos do Brasil Império e 15 quadros do pintor holandês Frans Post, considerada a maior coleção do artista no mundo. A pinacoteca também recebe mostras itinerantes.



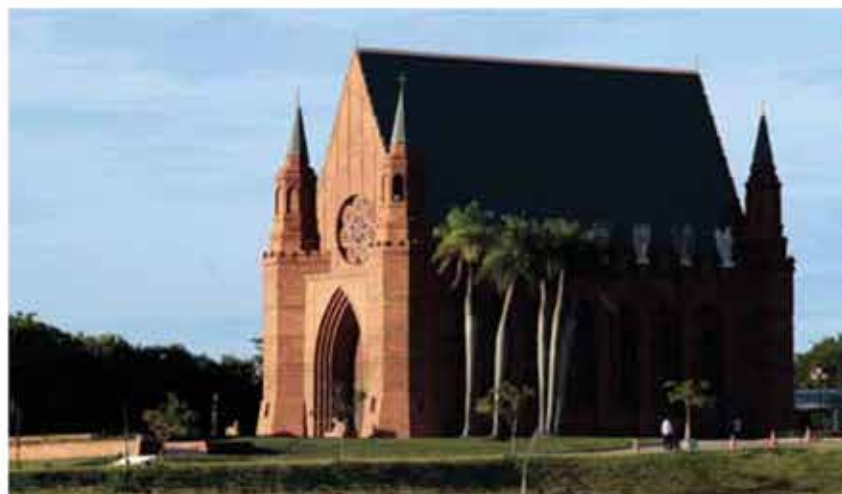
Capela é muito procurada para a celebração de casamentos



Capela Nossa Senhora das Graças

A capela foi construída em homenagem à esposa de Ricardo Brennand, Graça Maria Monteiro Brennand, que é devota de Nossa Senhora das Graças. Está localizada em uma área cercada por Mata Atlântica. Inaugurada no início de 2014, possui 600 m² e tem capacidade para 300 pessoas. O design técnico da igreja foi produzido por Edgar Ulysses de Farias Filho, as talhas e carpintaria foram feitas por Mestre Nido (Eronildes José Carlos Honorato).

No altar principal, uma imagem suspensa que representa a figura de Jesus Cristo, em tamanho natural. O trabalho é assinado por Elias Sultanum. A capela possui rosáceas, elementos fundamentais usados durante o período gótico para transmitir, por meio da luz e da cor, o contato com a espiritualidade e a ascensão ao sagrado. Os vitrais foram feitos por Sérgio Mantur. O local conta ainda com catorze anjos de autoria do artista Ricardo Cavani Rosas.



Um dos acervos mais ricos do Brasil

Biblioteca

Projetada para abrigar mais de cem mil livros, atualmente a biblioteca possui 60 mil itens com ênfase em história do período Brasil holandês. A coleção conta com obras raras dos séculos XVI ao XX. Entre os principais doadores, destacam-se o fundador, Ricardo Brennand; o pesquisador José Antônio Gonsalves de Mello Neto, especialista em Brasil holandês e autor de “Tempo dos Flamengos”; o professor, documentalista e escritor Edson Nery da Fonseca, especialista em Gilberto Freyre; e o padre Jaime Cavalcanti Diniz, musicólogo e estudioso do período colonial.

Café e Restaurante

Os visitantes ainda têm a opção de fazer uma pausa para o café e experimentar o tradicional bolo de rolo pernambucano. Em 2014, o museu também ganhou um restaurante. O Castelus tem capacidade para 80 pessoas e apresenta um cardápio regional refinado.



Ficou interessado?

O Instituto Ricardo Brennand funciona de terça a domingo, das 13h às 17h. O espaço recebe grupos agendados nas quartas-feiras pela manhã. A entrada custa vinte reais, com direito à meia-entrada. Crianças até sete anos e grupos escolares pagam sete reais. Na última terça-feira do mês, a visita é gratuita.

Anote o endereço: Alameda Antônio Brennand, s/n, Várzea, Recife, Pernambuco. Telefone: (81) 2121.0352.

Ricardo Brennand

Aos 12 anos, o menino do município do Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco, ganhou um canivete do tio Ricardo e passou a colecionar armas. Adulto, casou-se e teve oito filhos – um deles já falecido. Formou-se em engenharia, mas se dedicou aos negócios da família durante anos, até que, em 1999, resolveu vender as fábricas de cimento e, como o aval da família, aplicou parte dos recursos para fundar o Instituto Ricardo Brennand, uma sociedade sem fins lucrativos. As armas brancas que já possuía, a maioria do período medieval, le-

varam o colecionador a criar ambientes, em arquitetura gótica dos séculos XV e XVI, mais apropriados para a coleção. Entre as peças preferidas estão a coleção do pintor holandês Frans Post (século XVII); cenas de Veneza de Antônio Canal, dito Canaletto (século XVIII) e a escultura em mármore de Carrara “Doces Sonhos”, de Antônio Frilli (século XIX). O IRB possui um Conselho Deliberativo, formado por pesquisadores e intelectuais, entre eles Edson Menezes, Leonardo Dantas Silva, Milton Garrett de Melo e Nara Neves Pires Galvão.

Na entrada, o próprio Ricardo Brennand apresenta o Instituto:

Na minha vida, meu sucesso como empresário foi, em grande parte, fruto do apoio que sempre recebi da minha gente, dos meus colaboradores e da permanente companhia do meu Pai Antônio e do Tio Ricardo.

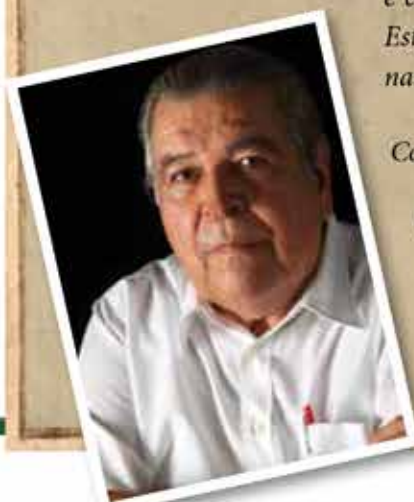
Assim, para resgatar parte do que de todos recebi, com desapego pelas coisas materiais e coragem indispensável para enfrentar os desafios, pude ver o nascimento desta obra, ao fincar, aqui, em São João da Várzea, terras de João Fernandes Vieira, as bases do Instituto Ricardo Brennand em homenagem ao meu Tio.

Deus quis que tivesse ao meu lado, Graça, mulher dedicada, que me deu oito filhos, companheiros do dia-a-dia, solidários com meus sonhos e que serão meus sucessores e responsáveis pela manutenção e conservação deste Patrimônio Cultural de Estudos Brasileiros, em terra do meu Pernambuco.

Como nos ensina o poeta português, quando...

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.

Um abraço, Ricardo Brennand.





Por Alice Lima
de Taormina

Veramente bella

Cidade da região da Sicília, Taormina é um convite irrecusável para turistas: praias, construções históricas e até um vulcão à beira de ruas que parecem labirintos





TAORMINA É UM CONVITE aos olhos. Ao longe, é possível ver a cidade, que sobe em uma arquitetura sinuosa, construída em terreno montanhoso. E é graças à forma curiosa que por todos os lados as paisagens são arrebatadoras. Com apenas 13 km² de área e cerca de dez mil habitantes, o lugar que está na região da Sicília, ao sul da Itália, tem um ar de magia e aconchego.

Para citar algumas das atrações do ambiente encantador, basta dizer que os visitantes irão encontrar história, praias, comércio, bons restaurantes e gelaterias, além da experiência de visitar o Etna, vulcão que mais entra em atividade na Europa. É possível conhecer tudo em apenas um ou dois dias, uma vez que os lugares são muito próximos e com caminhos floridos. Diferente de outras cidades da Sicília – e talvez por ser a mais visitada da região –, o povo de Taormina sabe tratar bem os turistas, então é fácil encontrar sempre alguém sorridente que dará as informações em um “italiano vero”.



As ruas que mais parecem labirintos



O centro de Taormina, onde se concentram lojas e restaurantes



A bióloga Renata Campos ficou encantada com a paisagem da cidade

Não é fácil encontrar pessoas que falem inglês, mas usando de doses de boa-vontade e mímica, para quem não fala italiano, é possível se comunicar sem maiores problemas. As ruas extremamente estreitas enlouquecem motoristas, os quais recorrem constantemente às buzinas e aos gritos para conseguir passar. É comum ver alguém que desce do carro para fazer as vezes de guarda-de-trânsito e tentar organizar o pequeno caos em meio às ladeiras. Há também

bondinhos para facilitar as subidas e descidas. As pousadas e hotéis são caseiros e aconchegantes. Erguidos em áreas pequenas, é preciso aproveitar todos os espaços e isso quer dizer quartos reduzidos, vários andares e escadas, em um estilo que parece que tudo foi improvisado. E é esse o charme da coisa!

No verão europeu, Taormina é bastante procurada por turistas de países vizinhos. Não há muitos brasileiros, mas como em todos os lugares do mundo,

sempre existem algumas pessoas que saem do Brasil para explorar o mundo. A bióloga mineira Renata Campos, que tem o blog de turismo “Revivendo Viagens”, saiu do roteiro italiano mais tradicional para os conterrâneos e desbravou a Sicília. “Foram exatamente as belas vistas de Taormina o que achei mais interessante. As praias são bonitas, o centrinho da cidade é uma graça, mas a vista do Etna e do Mediterrâneo, numa paisagem só, é imbatível”, lembrou.



Visões da praia de Esola Bella



MAR DE PEDRAS

As águas das praias são claras e mornas, realmente convidativas. As barracas são estruturadas, mas a maioria sempre leva o “kit-praia”, com canga, bebidas e comidas. As praias são de pedra, mas nas escadarias de acesso sempre há os sapatos adequados à venda. A Isola Bella é uma pequena ilha no Mar Jônico. Como ela fica a uma curta distância da costa, é possível, durante a maré baixa, seguir caminhando por uma pequena trilha até a ilha, que hoje é uma reserva natural.



NÃO DEIXE DE PROVAR

A culinária é excelente com as tradicionais pastas italianas, mas os destaques estão nos “detalhes gastronômicos”. Não deixe de provar os canolli, que são doces típicos da região. Parecem uns canudinhos de massa crocante recheados com creme de ricota e pistache. Uma cereja e uma raspinha de laranja em cima

dão o toque final. Também não esqueçam de descobrir o sabor do famoso vinho de amêndoas (vino alla mandorla). Os gelatos italianos (sorvetes) são deliciosos e existem várias boas opções no centro. Nas praias, o sucesso são as granitas, bebidas à base de frutas e gelo, servidas em diversas barraquinhas.

DE VOLTA AO PASSADO

São as ruínas do Teatro Greco o monumento mais impactante de Taormina, construído em meados do século III Antes de Cristo. É lá que se tem a vista perfeita do mar, vulcão, casas e natureza ao redor. A estrutura ainda serve de cenário para concertos, óperas e balé. Mesmo no verão, não há filas nem apertos. Cada um curte a sua vista tranquilamente. Para chegar lá, o caminho é a rua do centro, onde estão os ótimos restaurantes, gelaterias, artesanatos e as vendas de frutas frescas da região pelas mãos dos próprios produtores.



O misterioso vulcão Etna visto do museu greco



Entre ruínas, o teatro conserva formas e materiais originais

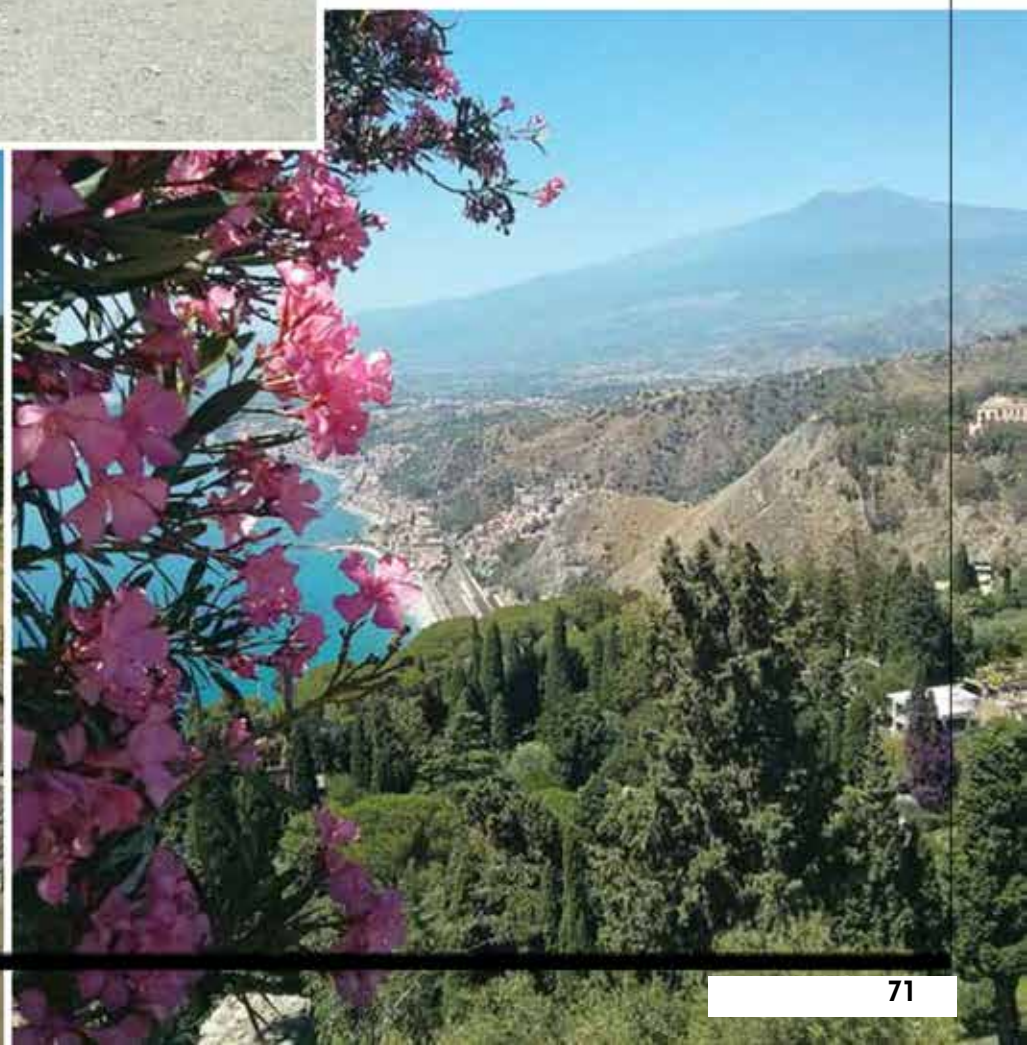


No centro do teatro, cenário é palco de concertos e balés



O IMPONENTE VULCÃO ETNA

Ao chegar à cidade e perguntar pelo vulcão, alguém o apontará e ele facilmente será visto. Está em todos os lugares, é a paisagem onipresente. Tem 3.800 metros e surge em contraste com o mar para surpreender. Vez por outra, o vulcão entra em atividade, mas a principal atração não chega a assustar. Muito pelo contrário. Todos querem chegar mais perto. Os turistas podem escolher passeios monitorados que levam ao cume do vulcão, ou optar pelo ponto da Praça IX de Abril ou da cidade de Castemolla, para encontrar o ângulo mais fotogênico da obra da natureza. Há degustação de vinhos com uvas locais bem aos pés do Etna.



Charge do Brum



EXPRESSÕES DE ELOGIOS SOBREVIVEM ANIMADAS AO TEMPO. DE ONDE SURGEM E COMO SE ALIMENTAM ESSAS PALAVRAS DA INFORMALIDADE

Por Marksuel Figueredo
Ilustrações: Brum

As expressões populares fazem parte do cotidiano e todas as gerações. Talvez até quebrem a máxima do famoso “nada é para sempre”, pois sobrevivem tempo, as gerações e nos levam a uma linguagem meio que universal, capaz de cruzar a Linha do Equador de uma ponta à outra.

Quem nunca ouviu um “você está gata ou gato hoje”? E sensação é boa, já que a expressão de elogio está diretamente relacionada aos cinco sentidos do ser humano: tato, olfato, audição, visão e paladar. O professor de língua portuguesa e escritor **Sílvio Augusto** ajuda a entender essa mistura de sentidos com palavras somados à boa dose de criatividade.

“A criatividade é um recurso natural da humanidade que permite uma fluência imediata diante das sensações de cada um. Tudo se explica a partir do que sentimos e da associação que fazemos”, comenta. Assim, o “gato” enquanto expressão de elogio humano advém do perfil, ou melhor, do jeito sedutor e sereno dos felinos que conquistam ou se aproximam de forma sutil.

“Até o miar, ou seja, a voz sensual acompanhada do roçar ao encontro do nosso corpo na intenção de ganhar nossa confiança contribui para essa associação. Ser gato ou gata, constitui um grande elogio de beleza pela sedução do olhar e do carinho. Aí, dentro de uma só expressão, temos três sentidos: visão, audição e tato”, explica o professor.



OUTRAS EXPRESSÕES E SEUS SIGNIFICADOS ELOGIOSOS

AVIÃO

Advém do fato de que uma aeronave pode nos levar às alturas, às nuvens - referências positivas que remetem à emoção. O professor e pesquisador de linguagens explica que a expressão pode gerar até frio na barriga acelerando a respiração, inclusive, daquela que recebe o elogio. Assim, quando alguém é chamado de “avião” deve ser considerado como alguém que traz ao par uma expectativa de grandes emoções (visão e olfato).



FILÉ

Essa expressão faz referência ao corpo da mulher ou do homem provido de massa muscular ou não necessariamente assim. Refere-se ao fato de serem vistos os corpos como objetos de desejo (olfato, tato, paladar, visão).

PITEL

O termo é associado ao gosto, ao sabor. Ser pitêu é visto como um elogio de cunho também sensual. Mulher/homem que tem corpo delineado, com curvas bem definidas (visão, paladar, olfato, tato).

PÃO

Essa expressão é atribuída normalmente ao homem bonito. Sua aparência agrada, alimenta a expectativa (visão, tato, olfato, paladar).

BROTO

Surgiu como expressão atribuída às garotas durante a “Jovem Guarda” nos anos 1960. Associa-se até hoje, geralmente, às meninas novinhas ou às mulheres que ainda esbanjam beleza e sensualidade com seus corpos (visão, tato).



COCADINHA

A relação do termo é pela doçura, pelo jeito de falar e de tratar as outras pessoas. Segundo, Sílvio, o uso é comum durante décadas recentemente passadas (paladar, visão, olfato, audição).



AS QUE SURGIRAM DAS COLUNAS

É bem verdade também dizer que muitas expressões nasceram e se eternizaram no colunismo social. Ibrahim Sued, jornalista, colunista social e apresentador de TV, partiu em 1995, mas deixou um legado no vocabulário popular com suas expressões, tanto que um dia após a sua morte o jornal *O Globo* (onde Ibrahim teve coluna por quatro décadas) publicou um glossário com frases e palavras ditas e criadas pelo colunista ao longo da vida.

O carioca que se intitulava “imortal sem fardão” foi quem criou a famosa expressão “cocadinha”. Era o nome que ele dava às moças bonitas de pele dourada pelo sol. A mistura “pão com cocada”, remete a uma geração, juventude dourada. A cocada relacionada às mulheres e o pão aos homens considerados bonitos.

Ibrahim costumava também usar a expressão “Gigi, eu chego lá”, como exclamação de otimismo. Já “locomotiva” era a expressão usada para definir a pessoa que comanda um grupo ou acontecimento de forma natural. O colunista tinha na ponta da língua os termos para os fins de semana: “sábado, dia de saias curtas”, ou seja, dia de roupas informais, de reunir a galera e se divertir.

EXPRESSÕES PELO MUNDO

Na Espanha, “guapo” é o que chamamos de “gato”, em Portugal se diz “gira”. Aliás, no país que colonizou o Brasil encontramos diversas expressões que podem elevar a nossa autoestima. Abaixo, algumas delas e os seus significados.

PORREIRO: Em Portugal, a palavra é um adjetivo de elogio. Significa que você ser porreiro é ser prestativo, atencioso com o próximo.

FIXE: Define algo como legal, bom, bacana. Alguns estudiosos dizem que a origem do termo deriva do inglês “fine”, que também significa legal, bem.

GIRO e GIRA: No geral, na terra de Camões, quando nos dirigimos até alguém e a chamamos de “giro” ou “gira”, estamos fazendo um elogio, já que o termo significa bonito e bonita.

PIROCO: Essa expressão um tanto estranha para nós significa “cantada” em Portugal. Quando se pretende cantar alguém você está fazendo um piroco.

No Brasil ou em Portugal, as gírias e expressões estão nas camadas sociais e se constituem como vocabulários próprios. O jornalista e pesquisador da área José Carlos Oliveira destaca a importância dessas expressões para pluralidade linguística. “As expressões, além de serem uma espécie de glossário de época, servem para facilitar a comunicação entre grupos. Há coisas nesses fraseados que por se sucederem e serem repetidas, muitas vezes viram neologismos e são incorporados ao Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa”, comenta.

Ele ainda defende que o Brasil não tem um idioma, mas sim uma variação da língua com suas peculiaridades. “Não podemos esquecer que a riqueza da língua de um povo reside na multiplicidade dos costumes. O modo de expressão atesta, sem dúvidas, que, embora, alguns notáveis da Academia Brasileira de Letras não concordem com esse desvio de comportamento da língua, o resultado é uma riqueza na comunicação pelas suas peculiaridades e regionalismos”, finaliza.



O paraíso é aqui!

A 28 quilômetros de Natal, à beira-mar da praia de Camurupim, conhecida pelas suas piscinas naturais, fica o Colmeia Chales, perfeito para momentos de lazer e relax.

São chalés para seis e quatro pessoas, totalmente equipados para se sentir em casa, inclusive área de serviço e quintal.

Para o lazer, piscina, churrasqueiras, salão de jogos, redário, pranchas de surfe com remo. Oferece estacionamento privativo coberto e a água totalmente filtrada.



Praia de Camurupim - Nisia Floresta / RN

(84) 99962-3991

www.colmeiachales.com.br

TÚNEL DO TEMPO

Fotos: Paulo Lima

Em concorrida solenidade na capital federal, o potiguar Luiz Alberto Gurgel de Faria assumia em setembro de 2014 a cadeira vaga com a aposentadoria da ministra Eliana Calmon no Superior Tribunal de Justiça (STJ). Depois da longa fila de cumprimentos, teve jantar de adesão, no Rubaiyat, para comemorar entre familiares, amigos da Justiça, dos tempos de colégio e conterrâneos que foram de Natal prestigiar a ocasião.



Luiz Alberto, a esposa Adriana e as herdeiras Isabela e Luana



Adriana e o ministro Luiz Alberto com nossa editora Eliana Lima



Adriana Magalhães, Edson Faustino e João Victor Faustino



Nathália Lagreca e os casal Marília e Jorginho Bezerra



Eloísa Guerreiro, Elke da Cunha Lima, Magna Leticia



Empresário Marcelo Alecrim (ALE), advogadas Andréa Fernandes, Cláudia Rocha



Família Gurgel: Teresa, Clara e Gutenberg Gurgel (primos do ministro), Linda Pedrosa (concunhada), José Bernardo Gurgel de Faria (irmão), Janine Luz (chefe do meu gabinete no TRF5) e Humberto Gurgel (primo)



Arcebispo Metropolitano de Natal, Dom Jaime Vieira e o padre Carlos Sávio (CNBB) prestigiaram a posse



O conselheiro Tarcísio Costa (TCE-RN) e o desembargador Cláudio Santos (TJRN)



Desembargador federal Francisco Barros (TRF5), advogado Robson Maia



Juizes federais Manuel Maia e Marco Bruno de Miranda



Juiz federal Ivan Lira, ministro aposentado José Augusto Delgado (STJ)

TÚNEL DO TEMPO

Por Thiago Cavalcanti
Fotos: Arquivo Pessoal

FLASHES E HOLOFOTES

Cabeleireiro famoso por assinar a beleza das mais elegantes de Natal, Getúlio Soares festejou seus 50 anos de idade em grande estilo. Fechou o Hotel Barreira Roxa no dia 17 de dezembro de 2005. Noite recheada de brindes e muitos risos, a contar a irreverência e o bom humor do aniversariante. Foi uma verdadeira reunião de chiques e famosos, que fizeram da celebração uma prévia dos festejos de fim de ano. No comando das picapes, os DJs Solón Silvestre e Dilvan.

Gisele Rique, Getúlio Soares, Cinthia e Tarcisio Barros, Thaisa Barros



Magnólia Fonseca, Graça Oliveira, Alcina Holanda, Marcia Maia, Alcinda Maia



Os Dj da noite; Dilvan e Solon Silvestre



Fátima de Araújo, Daniele Fonseca e Nathacia Varela Barca



Marco Emerenciano e Lissa



Luzia Mara e Dinarte Alvares



Gina e Alexandre Tinoco, Ana Amélia e Sérgio Pacheco



Paulo de Tarso e Iris, Ivanilson Araújo e Leisia, Nininha e Mraco Rey



Diogenes Alvares, Getúlio Soares e Lourdes Flor



Ivanoide Maia e Yasha



Priscila Fonseca e Marcelo Barreto



Soraya e José Rosendo



Xisto Thiago Barreto e Wellington Paim



Cibele e Paulo Roberto Alves



Dequinha Dantas, Teresa Tinoco, Vera Barreto e Doris Dantas



Lorena Dias, Rosê Varela, Murilo Felinto

experimente
É GRÁTIS

Acesso ilimitado a
dezenas de publicações

**Informação rápida,
simples e barata.**

As principais revistas,
jornais e livros em um só lugar!



boraler
publicações digitais



www.boraler.com.br